

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS

THIAGO CARDOSO AGUIAR

NOVA PROPOSTA DE SÍLABA EM LIBRAS

Goiânia

2013

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS (TEDE) NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação

| | | | | | |
|---|---|-----|----|--------|--|
| Autor (a): | Thiago Cardoso Aguiar | | | | |
| E-mail: | tcardosoaguiar@yahoo.com.br | | | | |
| Seu e-mail pode ser disponibilizado na página? <input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não | | | | | |
| Vínculo empregatício do autor | IFG - DE | | | | |
| Agência de fomento: | | | | Sigla: | |
| País: | Brasil | UF: | GO | CNPJ: | |
| Título: | Nova Proposta de Sílabas em Libras | | | | |
| | | | | | |
| Palavras-chave: | Sílabas. Língua de Sinais. Núcleo. Libras. Fonologia Métrica. | | | | |
| Título em outra língua: | New Proposal os syllable in Brazilian Sign Language | | | | |
| | | | | | |
| Palavras-chave em outra língua: | Syllable. Sign Language. Nuclei. Libras. Metric Phonology. | | | | |
| | | | | | |
| Área de concentração: | Estudos Linguísticos | | | | |
| Data defesa: (dd/mm/aaaa) | 04/03/2013 | | | | |
| Programa de Pós-Graduação: | Letras e Linguística | | | | |
| Orientador (a): | Maria Sueli de Aguiar | | | | |
| E-mail: | aguiarmarias@gmail.com | | | | |
| Co-orientador(a):* | Mariângela Estelita Barros | | | | |
| E-mail: | mariangelaestelita@yahoo.com.br | | | | |

*Necessita do CPF quando não constar no SisPG

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.

Assinatura do (a) autor (a)

Data: ____ / ____ / ____

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

THIAGO CARDOSO AGUIAR

NOVA PROPOSTA DE SÍLABA EM LIBRAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras e Linguística.

Área de Concentração: Estudos Linguísticos

Linha de Pesquisa: Descrição e análise de línguas indígenas e demais línguas naturais.

Orientadora: Dra. Maria Suelí de Aguiar

Co-Orientadora: Dra. Mariângela Estelita Barros

GOIÂNIA
2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação na (CIP)

A283n

Aguiar, Thiago Cardoso
Nova proposta de sílaba em Libras [manuscrito] / Thiago
Cardoso Aguiar. – 2013.
xi, 99 f. : il.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Suelí de Aguiar
Coorientadora: Prof^ª Dr^ª Mariângela Estelita Barros
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Letras, 2013.

Bibliografia: f. 75-76

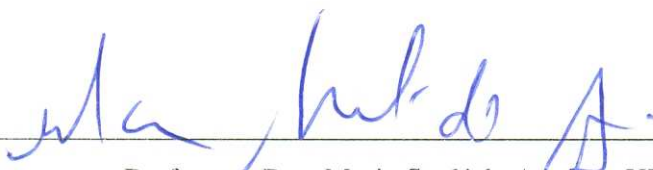
1. Língua Brasileira de Sinais – Fonologia 2. Surdos –
Meios de comunicação I. Título

CDU: 81'222.24

Thiago Cardoso Aguiar

NOVA PROPOSTA DE SÍLABA EM LIBRAS

Dissertação de conclusão de curso para obtenção do título de Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás, defendida e aprovada em 04 de março de 2013, pela banca examinadora constituída pelas professoras:




Professora Dra. Maria Suelí de Aguiar - UFG
(Orientadora e presidente)



Professora Dra. Sandra Patrícia de Faria do Nascimento - UNB



Professora Dra. Silvia Lúcia Bigonjal Braggio - UFG



Professora Dra. Mônica Veloso Borges - UFG
(Suplente)

Dedico à toda minha família, em especial aos meus pais Horácio e Vera e à minha filha Luísa.
Dedico também à toda Comunidade Surda.

AGRADECIMENTOS

- Agradeço a Deus pelo dom da vida e perceptível presença ao meu lado em todos os momentos;
- aos meus pais Vera e Horácio por sempre se preocuparem com minha educação escolar, por serem exemplo de persistência e humildade, por me amarem incondicionalmente, por me ensinarem valores realmente importantes e por todo apoio e paciência que recebi;
- à minha filha Luísa por ser, mesmo sem ter noção do que seja um mestrado, constante fonte de renovação nos momentos de desânimo. Razão principal do meu viver;
- à Comunidade Surda que sempre me aceitou e me ensinou muito, sem nunca me perguntar quem eu era, de onde vim e o que queria. Apenas me aceitaram e me deram a honra de fazer parte do seu mundo.
- à minha orientadora Maria Suelí de Aguiar, por seu zelo, desprendimento, paciência e transmissão de conhecimentos acadêmicos e de conhecimentos para a vida. Cresci muito academicamente e principalmente como pessoa após esse período que passamos juntos;
- à professora Mariângela Estelita pelo carinho, atenção, conversas tão ricas de conhecimentos e trabalhos juntos desde antes do mestrado. Não poderia ter escolhido melhor pessoa para me ajudar na orientação. Sempre disposta a colaborar, mesmo quando tinha tantos afazeres;
- às professoras Sílvia Braggio e Mônica Veloso pelo cuidado e orientações recebidas na qualificação, à professora Sandra Patrícia pelas sugestões recebidas no Seminário de Teses e dissertações e aos professores Luciêna Mendonça e Eliane Marquez por participarem diretamente do meu processo de formação no curso de mestrado;
- aos amigos surdos Núbia, Francilene, Joaílson, Sílvia e à pequena Julya, por me cederem alguns momentos de seu tempo para o desenvolvimento de minha pesquisa;

- aos colegas de mestrado, pelas conversas acadêmicas que tanto contribuem e pelos momentos de descontração que aliviam nossa tensão;

- aos colegas do Letras-Libras UFSC/IF-GO que sempre contribuíram para meus conhecimentos acerca de Línguas de Sinais;

- ao Centro de Capacitação de Profissionais de Educação e Atendimento às Pessoas com Surdez (CAS-GO), principalmente à equipe gestora, por permitir meu trabalho lá e ser minha porta de entrada para esse novo mundo que hoje já é parte de mim;

RESUMO

O foco desta dissertação é levantar uma hipótese sobre a estrutura silábica da Língua Brasileira de Sinais (Libras), objetivando encontrar primeiramente seu núcleo. Para isto abordamos a teoria de sílaba nas Línguas Orais (LOs) baseados em autores como Goldsmith (1990), Selkirk (1982) Collischonn (1996) entre outros, em seguida os estudos fonológicos na área das Línguas de Sinais (LS) sob os pressupostos, por exemplo, de Quadros e Karnopp (2004), Xavier (2006) e Sandler e Lillo-Martin (2006). Após essa abordagem, cruzamos as duas áreas de estudos levantando uma hipótese sobre a estrutura interna da sílaba na Libras com base na teoria métrica. Com a hipótese formulada, confrontamo-la com os dados colhidos em nossa pesquisa de campo. Como apoio neste nosso estudo, usamos a proposta de escrita de sinais denominada ELiS. O *corpus* foi coletado com surdos fluentes em Libras, de ambos os sexos e idades variadas. Parte do *corpus* foi colhido com surdos canadenses, usuários da Língua de Sinais Quebequense, mas ressaltamos que esse foi usado apenas para dar um indício de que a estrutura silábica encontrada no Brasil parece ser também encontrada fora. Os colaboradores responderam a uma entrevista direcionada e depois lhes foram apresentadas figuras para que as nomeassem em suas LS nativas. Através da pesquisa postulamos que, para a Libras, a estrutura silábica se compõe da seguinte forma: Ataque – Configuração de Mãos (que compreende o Formato de Mão e a Orientação); Núcleo – Ponto de Articulação (ou Locação) e Coda – Movimento. O resultado da pesquisa é muito importante para a Libras, pois fortalece os estudos fonológicos dessa língua bem como indica um caminho de boa formação do sinal através de sua estrutura silábica. Ela é bastante significativa para a Comunidade Surda, pois, mais uma vez, reafirma o estatuto desta língua como natural e dá empoderamento aos seus usuários, além de poder contribuir para novas reflexões linguísticas acerca das LOs.

PALAVRAS-CHAVE: Sílaba. Língua de Sinais. Núcleo. Libras. Fonologia Métrica.

ABSTRACT

The aim of this thesis is to raise a hypothesis about the syllabic structure of the Brazilian Sign Language (Libras), firstly attempting to find its core. For this approach the theory of syllable in Oral Language (LOs) based on authors such as Goldsmith (1990), Selkirk (1982) Collischonn (1996) among others, then phonological studies in the field of sign languages (LS) under the assumptions for instance, Frame and Karnopp (2004), Xavier (2006) and Sandler and Lillo-Martin (2006). Based on this approach, we crossed two areas of studies raising a hypothesis about the internal syllable structure in Libras based on the metric theory. By hypothesis, we confront it with data collected from our field research. To support this study, we use the proposed written signs named ELiS. The corpus was collected with deaf fluent in Libras, of both genders and various ages. Part of the corpus was collected with deaf Canadians, users of Quebecois Sign Language, however we highlight that this was only used to provide the evidence of the syllabic structure that is found in Brazil may also be found abroad. The volunteers answered a directed interview then they were asked to name pictures in their own native Sign Languages (SL). This Research allows us postulate that, as for Libras, the syllabic structure is composed as follows: Onset - Hand Configuration (which includes the Hand Shape and Orientation); Nuclei - Point of Coordination (or Location) and Coda - Movement. The search result is highly important for Libras once it strengthens phonological studies of this language as well as it leads to a way of good signal formation through its syllabic structure. It is very significant for the Deaf Community because it reaffirms the status of this language as natural and gives empowerment to its users. Besides being able to contribute to new linguistical thinking about the spoken language.

KEYWORDS: Syllable. Sign Language. Nuclei. Libras. Metric Phonology.

LISTA DE SIGLAS E SÍMBOLOS

A – Ataque

ASL – Língua Americana de Sinais (*American Sign Language*)

CAS – Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez

CD – Configuração de Dedos

CM – Configuração de Mão

Co – Coda

ELiS – Escrita das Línguas de Sinais

GO - Goiás

IC – Constituinte Imediato

L – Locação

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

LOs – Línguas Orais

LS – Línguas de Sinais

LSQ – Língua de Sinais Quebequense

Mov – Movimento

Nu – Núcleo

Or – Orientação de Palma

PA – Ponto de Articulação

R – Rima

SW – *Sign Writing*

UFG – Universidade Federal de Goiás

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

σ – Sílabas

> – Maior que

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1.1: Variação de sonoridade | 19 |
| Figura 1.2: Processo de formação da sílaba | 25 |
| Figura 1.3: Separando sílabas da palavra <i>empada</i> | 26 |
| Figura 1.4: Separando sílabas da palavra <i>consonant</i> | 26 |
| Figura 1.5: Separando sílabas da palavra <i>pronostica</i> | 27 |
| Figura 1.6: Estrutura silábica das palavras prata e forma | 28 |
| Figura 1.7: FAMÍLIA | 30 |
| Figura 1.8: APRENDER | 30 |
| Figura 2.1: MACACO | 38 |
| Figura 3.1: PRAZER | 40 |
| Figura 3.2: DESCULPE | 40 |
| Figura 3.3: Colaboradora D produzindo o sinal EM-PÉ. | 41 |
| Figura 3.4: Colaborador B produzindo o sinal EM-PÉ. | 42 |
| Figura 3.5: Colaboradora E sinalizando sua idade. | 42 |
| Figura 3.6: Colaboradora F executando um sinal sem movimento em LSQ. | 43 |
| Figura 3.7: Colaboradoras C e A produzindo o sinal de DESCULPA. | 44 |
| Figura 3.8: Colaboradores D e B produzindo o sinal de CASA. | 44 |
| Figura 3.9: Colaboradora A e B produzindo o sinal de ATO SEXUAL | 45 |
| Figura 3.10: Colaboradora C produzindo o sinal de ATO SEXUAL | 45 |

| | |
|---|----|
| Figura 3.11: Colaboradora D produzindo o sinal de ATO SEXUAL | 46 |
| Figura 3.12: Colaboradora C produzindo o sinal de LADRÃO/ROUBAR | 46 |
| Figura 3.13: Colaboradora A produzindo o sinal de LADRÃO/ROUBAR | 47 |
| Figura 3.14: Colaboradora A produzindo o sinal de NÃO. | 47 |
| Figura 3.15: Colaboradoras C e A produzindo o sinal de DESCULPA | 48 |
| Figura 3.16: Colaboradores D e B produzindo o sinal de CASA | 49 |
| Figura 3.17: Estrutura da sílaba na Libras | 53 |
| Figura 3.18: Sinal MULHER tirado da apostila do CAS-GO | 54 |
| Figura 3.19: Colaboradora E produzindo o sinal MULHER | 55 |
| Figura 3.20: Colaboradora A produzindo o sinal de CAVALO | 56 |
| Figura 3.21: Sinal CAVALO na apostila do CAS-GO | 57 |
| Figura 3.22: SURDO | 62 |
| Figura 3.23: ARÁBIA SAUDITA | 63 |
| Figura 3.24: PISCINA | 65 |
| Figura 3.25: MACACO | 66 |
| Figura 3.26: MACACO na apostila do CAS-GO | 67 |
| Figura I: CASA em LSQ | 73 |
| Figura 3.1: PRAZER | 98 |
| Figura 3.2: DESCULPE | 98 |

LISTA DE QUADROS E TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 01: Hierarquia de Sonoridade | 20 |
| Tabela 02: Descrição de sinais em Português e em ELiS | 50 |
| Tabela 03: Sinais em ELiS | 50 |
| Quadro 01: Hierarquia de sonoridade (GOLDSMITH, 1990, p. 111) | 20 |
| Quadro 02: Perfil dos colaboradores | 34 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 15 |
| 1 EMBASAMENTO TEÓRICO | 18 |
| 1.1 A SÍLABA EM LÍNGUAS ORAIS | 18 |
| 1.1.1 Sonoridade | 18 |
| 1.1.2 A Estrutura Silábica | 22 |
| 1.1.3 Composição da Sílabas | 24 |
| 1.1.4 Licenciamento Prosódico e Peso Silábico | 27 |
| 1.2 FONOLOGIA DAS LÍNGUAS DE SINAIS | 28 |
| 2 METODOLOGIA | 33 |
| 2.1 OS COLABORADORES DA PESQUISA | 33 |
| 2.2 COLETA DE DADOS | 34 |
| 2.3 EQUIPAMENTOS E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS | 36 |
| 3 UMA PROPOSTA DE ESTRUTURA DA SÍLABA NA LIBRAS | 39 |
| 3.1 EM BUSCA DO NÚCLEO DA SÍLABA | 39 |
| 3.2 A ESTRUTURA SILÁBICA | 51 |
| 3.3 OUTRAS DEFINIÇÕES DE SÍLABA EM LS | 58 |
| 3.4 ALGUMAS CARACTERIZAÇÕES | 60 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 68 |
| REFERÊNCIAS | 75 |

| | |
|-------------------------|----|
| ANEXOS | 77 |
| APÊNDICES | 92 |
| APÊNDICE A | 93 |
| APÊNDICE B | 94 |

INTRODUÇÃO

Segundo Goldsmith (1990):

A sílaba é a unidade de descrição fonológica que nunca deixou de ser discutida em profundidade na literatura fonológica deste século. A teoria clássica da Fonologia Gerativa em *The Sound of Pattern of English* (Chomsky and Halle 1968), é verdade, tentou construir uma teoria sem tal noção, mas tanto os fonologistas simpatizantes a esta abordagem, quanto os que a questionavam, foram rápidos em apontar as inadequações para revisão. (GOLDSMITH, 1990, p. 103)².

A partir de então, Goldsmith (1990) ressalta que surgiram novas propostas que salientavam a fundamentalidade da sílaba.

Embora sua importância seja reconhecida, a definição de sílaba não o é. Outras abordagens já surgiram a partir de então, porém, atualmente, a maioria concorda que a sílaba tem uma estrutura interna. Como exemplos de trabalhos voltados para ela, podemos citar Goldsmith (1990), Selkirk (1982), Bisol (1999) entre outros.

Nossa inquietação sobre sílaba em Língua de Sinais existe desde nosso primeiro contato com o assunto na graduação em Letras Libras. Porém, esse foi um estudo muito breve, que naquele momento, acabou não frutificando em demais pesquisas. Mas desde então uma questão permaneceu em nosso pensamento: Qual seria o núcleo de uma sílaba de LS?

Tal elemento deveria constar em todos os sinais. Foi de onde começou nosso olhar sobre o Ponto de Articulação (PA). Mas parou por aí nosso questionamento.

No mestrado, tivemos a oportunidade de cursar a disciplina Fonética e Fonologia. Neste período nosso projeto de mestrado era sobre a ELiS. No referido curso pudemos ter

² No original: The syllable is a unit of phonological description which has never ceased to be discussed as length in the phonological literature of this century. The classical theory of generative phonology in *The Sound Pattern of English* (Chomsky and Halle 1968), it is true, attempted to build a theory without any such notion, but phonologists both sympathetic and unsympathetic to that effort were quick to point out the inadequacies of the revision. (Tradução nossa)

mais conhecimento e estudar mais profundamente sobre teorias de sílabas em LOs. Em cada explicação da professora ou seminários apresentados pelos colegas, íamos fazendo *links* entre teorias de Línguas Orais que atendiam também aos padrões linguísticos das LS.

Tivemos, então, contato com teorias fonológicas de Línguas de Sinais que abordavam o assunto *sílaba*. Pesquisas de renomados autores da área nos foram apresentadas, porém discordamos em alguns aspectos das teorias as quais tivemos contato.

Em um primeiro momento ficamos receosos em prosseguir com o estudo, no entanto, ao assistirmos a uma fala do Professor Dr. Tarcísio de Arantes Leite, da UFSC, constatamos que tínhamos muitos dos questionamentos levantados por ele sobre o assunto. Decidimos mudar nosso projeto de pesquisa, objetivando propor uma estrutura silábica para a Língua Brasileira de Sinais, pois, percebemos que nossos questionamentos eram compartilhados por mais pessoas.

Esta decisão se deu no primeiro semestre do ano de 2011 (dois mil e onze), enquanto ainda cursávamos o curso de fonética e fonologia do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. Foi assim que decidimos começar a pesquisa, uma análise descritiva da Libras denominada “Nova Proposta de Sílabas em Libras”

O fato de já termos fluência na Libras ajudou muito, pois isso nos deu um grande banco de dados pessoal acerca da língua, para ser questionado. Mas isso não era o suficiente, precisaríamos de mais dados externos e muita teoria de LOs para embasamento da nossa proposta.

Partimos do ponto de que as Línguas de Sinais são naturais e por essa razão deveriam compartilhar de alguns universais com as Línguas Orais. É claro que a diferença de modalidade³ traria algumas individualidades, mas algo de comum provavelmente existiria.

Objetivamos responder às perguntas: (i) qual o núcleo da sílaba em Libras⁴ e (ii) qual a estrutura silábica da Libras.

³ LOs são consideradas de modalidade oral-auditiva, pois são produzidas pelo aparelho fonador e percebidas pelo aparelho auditivo. Já as LS são consideradas visuo-espaciais, pois são produzidas no espaço e percebidas pela visão.

⁴ A sigla de padrão internacional referente à LS do Brasil é a LSB. Optamos por usar o termo Libras durante todo nosso trabalho por ser o que se encontra na Lei 10.436/02, a Lei que reconhece a Libras como a língua usada pela comunidade surda brasileira. Entendemos que a Libras/LSB é uma LS, a usada no Brasil, do mesmo modo que há outras distintas, como a americana, portuguesa... A nomenclatura Língua Brasileira de Sinais – Libras, pode passar a idéia de que é uma língua brasileira, que é de sinais, talvez excluindo sua existência em outros países. Porém esta é a sigla mais difundida no país e, apesar de nosso trabalho ser de cunho linguístico e o uso da sigla LSB parecer mais adequada, optamos pela sigla Libras por ser a que está contida na Lei e ser a de maior difusão em nosso país. Por fim ressaltamos que esta é a língua usada nos centros urbanos, já foi encontrada uma LS com o grupo indígena Urubu-Kaapor, segundo relata Felipe (2001).

Nosso primeiro passo foi estudar a teoria silábica para as LOs. Entre os autores estudados podemos citar: Goldsmith (1990), Selkirk (1982), Bisol (1999), Collischonn (1996), entre outros.

Terminado este estudo, foi o momento de revisar nossos conhecimentos em fonologia de LS, com os pressupostos de, por exemplo, Quadros e Karnopp (2004), Cunha (2011), Xavier (2006) e Sandler e Lillo-Martin (2006). Como apoio visual para o trabalho, usamos uma proposta de escrita de sinais denominada ELiS – Escrita das Línguas de Sinais. A escrita em questão pode não ser do conhecimento de alguns, por isso, reservamos um espaço para explaná-la no apêndice B.

A parte diferenciada da nossa pesquisa começa quando cruzamos esses dois campos de estudo: teoria de sílaba em Línguas Orais e fonologia das Línguas de Sinais.

A partir desse cruzamento, surgiu a nossa proposta de sílaba para a Libras, com base na fonologia métrica, concebendo uma estrutura hierarquizada com Ataque e Rima, sendo que esta última se divide em Núcleo e Coda.

Findada essa parte do nosso trabalho, fomos a campo colher dados para confrontá-los com nossa proposta. Caso ela superasse os dados coletados, indicaria sucesso no trabalho. Caso contrário, precisaria ser reformulada.

Os dados foram conseguidos através de entrevistas com surdos de ambos os sexos e de variadas idades fluentes em Libras. O intuito deste confronto foi verificar se nossa proposta tinha fundamento.

A importância do trabalho se configura no aprofundamento de estudos em fonologia das LS, o que mais uma vez reafirma o estatuto das LS como línguas naturais, traz uma proposta de boa formação para sinais em Libras e, conseqüentemente, dá empoderamento para a Comunidade Surda, pois estudos da língua de um povo dão visibilidade a esse povo.

Nosso trabalho foi assim dividido: no primeiro capítulo apresentamos um estudo teórico de sílaba em LOs e Fonologia de LS; no segundo capítulo expomos nossa metodologia de pesquisa, que foi de entrevistas com pessoas surdas, baseadas em um questionário e na nomeação (indicação de sinais correspondentes) de uma série de figuras apresentadas; no terceiro capítulo expomos nossa proposta de estrutura silábica para a Libras, justificando-a através dos dados colhidos na pesquisa e de postulados sobre sílabas de LS de outros autores. Por fim, concluímos o trabalho com nossas Considerações Finais. Nos anexos poderão ser vistos o questionário usado nas entrevistas bem como as figuras apresentadas aos colaboradores.

1 EMBASAMENTO TEÓRICO

Apresentamos nesse item o embasamento teórico do trabalho, ou seja, o estudo bibliográfico que nos ajudou em nossa empreitada. Como há pouca bibliografia sobre nosso tema, foi necessário somar teorias de vários campos de conhecimento para, por fim, chegar ao resultado procurado. Sendo assim, nesta parte do texto, colocamos os estudos feitos sobre sílabas em LOs e Fonologia de LS.

1.1 A SÍLABA EM LÍNGUAS ORAIS

Independente de qual abordagem ou de qual autor, todos concordam que a sílaba tem seu lugar de destaque na teoria fonológica. Selkirk (1982) dá três argumentos para justificar isto. Ela cita que: (i) a maioria das restrições fonotáticas só podem ser explicadas com referência à sílaba, (ii) através da sílaba se pode explicar uma gama de regras da fonologia segmental e que (iii) o tratamento de fenômenos suprasegmentais como acento e tom, exige que eles sejam agrupados em segmentos do tamanho da sílaba.

Goldsmith (1990) afirma que tradicionalmente houve dois pontos de vista sobre a natureza da sílaba, mas que ambos concordam que a fala é dividida em unidades internas, ou pedaços de segmentos. Um deles se concentra nas oscilações de aumento e diminuição de energia durante o discurso, ou seja, na sonoridade dos segmentos que provoca esta oscilação. O outro observa mais a estrutura externa e diz que a sílaba é composta por certo número de *slots*, posições sintagmáticas, em que subconjuntos de segmentos fonológicos podem ocorrer, dando origem a enunciados bem formados.

1.1.1 Sonoridade

Talvez o primeiro fator que nos chame a atenção para a divisão silábica das palavras seja a sonoridade que as palavras têm, ou seja, seus picos de sonoridades. Toda criança, mesmo que de forma inconsciente, já sabe como proceder à divisão silábica da maioria das palavras que conhece. Podemos perceber isto quando elas fazem suas brincadeiras de cantigas. É comum ouvir essas crianças elaborando construções do tipo: *a-ti-rei o pau no ga-to to, mas o ga-to to, não mo-reu reu reu. Do-na chi-ca ca di-mi-rou-se se...*

Ou ainda: *pa-ra-béns pra vo-cê, nes-ta da-ta que-ri-da, mui-tas fe-li-ci-da-des, mui-tos a-nos de vi-da...*

Aqui fica claro o fato de que desde muito cedo percebemos que as palavras são divididas em unidades menores e que conseguimos identificar estas unidades através dos picos sonoros que elas representam.

As teorias fonológicas que abordam a sílaba também concordam com este fato, ou seja, de que há algum Princípio de Sonoridade regendo os seus constituintes internos. Podemos citar alguns autores que concordam com esta ideia: Goldsmith (1990), Collischonn (1996) e Camara Jr. (1970).

Segundo estes autores, cada segmento que compõe a palavra tem seu valor de sonoridade, sendo que o elemento mais sonoro vai constituir o pico da sílaba, ou seja, seu núcleo. Do início até o núcleo, nós teremos uma escala crescente de sonoridade, e do núcleo ao fim, teremos uma escala decrescente de sonoridade. Com base nas afirmações dos autores anteriormente citados, organizamos uma figura para melhor explicar o que dizem.

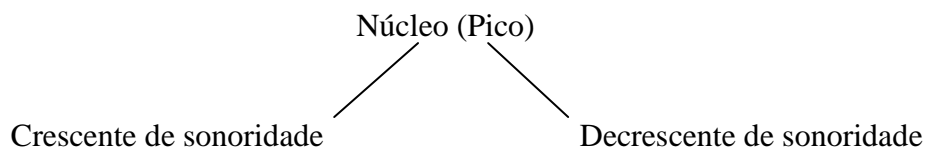


Figura 1.1: Variação de sonoridade

Ao observar este modelo silábico, seguindo o Princípio de Sonoridade, podemos mensurar qual sequência de elementos pode ocupar a posição que vem antes do núcleo e qual poderá preencher o espaço que vem depois, constituindo assim um padrão de formação de sílabas.

Goldsmith (1990) apresenta a seguinte hierarquia de sonoridade para os elementos silábicos e consonantais. Ele mostra os itens dos mais sonoros aos menos sonoros.



Quadro 01 – Hierarquia de sonoridade (GOLDSMITH, 1990, p. 111)

Em Goldsmith (1990), é apresentada uma hierarquia de sonoridade mais detalhada, pois certas línguas podem exigir que as diferenças entre segmentos sejam maiores do que entre determinados agrupamentos, poderemos nos deparar com sequências formadas por elementos que façam parte do mesmo grupo elencado anteriormente.

Tabela 01 – Hierarquia de Sonoridade (SELKIRK, 1982a apud GOLDSMITH, 1990, p. 112)

| <u>Sound</u> | <u>Sonority index</u> |
|--------------|-----------------------|
| a | 10 |
| e, o | 9 |
| i, u | 8 |
| r | 7 |
| l | 6 |
| m, n | 5 |
| s | 4 |
| v, z, ð | 3 |
| f, θ | 2 |
| b, d, g | 1 |
| p, t, k | 0.5 |

Ao observar estas escalas, podemos começar a estruturar as sílabas das palavras. Em línguas como o português, os picos silábicos sempre serão preenchidos por vogais, ou seja, elas sempre serão o núcleo da sílaba (vogais se constituem como elementos mais sonoros por não terem nenhuma obstrução de ar na sua produção, diferente das consoantes). No entanto, em algumas outras línguas, uma consoante pode cumprir a função de vogal.

Ao atentarmos sobre os espaços que vêm antes e após o centro da sílaba e, analisando o quadro anterior, podemos ver que a sequência *mp* não pode ocupar a posição anterior ao pico silábico em línguas como o Português, pois *m* tem maior valor sonoro do que *p*. Sendo assim, em uma palavra, do português, como *empada*, não poderíamos ter a divisão *e.mpa.da*, que mesmo apresentando três picos separados, configura uma sílaba com uma sequência de sonoridade decrescente antes do seu núcleo (na segunda sílaba).

Usemos agora o exemplo de um item lexical do inglês. Vamos utilizar a palavra *consonant* (consoante). De acordo com as escalas apresentadas, não poderíamos ter a sequência *ns* antes do núcleo, logo, não seria correta a divisão *co.nso.nant*.

Como exemplo do espanhol, podemos escolher a palavra *pronostica* (previsão). Nela a sequência *st* anterior ao núcleo desconfiguraria uma divisão de acordo com a abordagem que estamos apresentando, tornando impossível *pro.no.sti.ca*.

Porém, o princípio apresentado permitiria as seguintes divisões para as palavras *emp.a.da*, *cons.o.nant* e *pro.nost.i.ca*. Por isso, devemos ter em mente que, como explanado por Goldsmith (1990), o Princípio de Sonoridade é uma condição necessária básica para a silabação, não uma declaração universal para possíveis sílabas em todas as línguas.

Sendo assim, tal princípio deve ser tomado como norte na composição das sílabas, não como única regra existente para tal. Ele vai sim precisar de complementos para dar conta de toda gama de sequências existentes nas mais variadas línguas.

Pelo que vimos, podemos concluir que o Princípio de Sonoridade, além de nos dar uma boa noção de como deve se conduzir a divisão silábica das palavras, também nos indica quais os elementos, ou sequência de elementos podem compor as margens da sílaba (os espaços anteriores e posteriores ao núcleo).

Pike (1967 apud SELKIRK, 1982) também trata desta composição dos elementos da margem e ele chama isto de Análise do Constituinte Imediato (IC), onde elementos mais relacionados vão preencher o mesmo espaço dentro da sílaba e quando mais de um item preencher o mesmo espaço, uma posição deste espaço vai determinar qual elemento poderá preencher a outra posição. Corroborando assim com o Princípio de Sonoridade, que postula uma escala crescente antes do núcleo e uma decrescente após. Desta forma o primeiro item antes do núcleo vai determinar que seu antecessor (seu constituinte imediato que também está antes do núcleo) tenha um valor de sonoridade inferior ao seu.

No item 1.1.3 voltamos a tratar os exemplos anteriormente citados, para compor sua estrutura silábica.

1.1.2 A Estrutura Silábica

Como vimos que os picos de sonoridade nos chamam a atenção na composição da sílaba, temos um norte para iniciar a composição de sua estrutura interna.

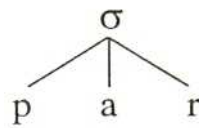
Goldsmith (1990) diz que alguns itens são esperados das propriedades globais da sílaba: (i) haver uma fórmula de se especificar o que é uma sílaba, para dizer que uma unidade maior consiste de “n” sílabas, (ii) espera-se uma estrutura interna da sílaba, (iii) com a sílaba espera-se encontrar padrões de formação em uma língua, para sabermos quais são as palavras fonologicamente possíveis e (iv) que cada segmento pertença a uma sílaba.

Ainda segundo Goldsmith (1990), há duas visões sobre a natureza da sílaba, ambas concordando que a declaração falada pode ser dividida em unidades menores: a primeira baseada nas oscilações de aumento e queda de energia, sonoridade, com os pressupostos de Blomfield (1933 apud GOLDSMITH, 1990) (que já abordamos no item anterior). A segunda afirma que a sílaba é composta por certo número de *slots*, em que subconjuntos de segmentos fonológicos da língua podem formar enunciados bem formados, com os pressupostos de Harris (1951 apud GOLDSMITH, 1990) e Haugen (1956a apud GOLDSMITH, 1990).

Já Collischonn (1996, p. 91), diz que “há basicamente duas teorias a respeito da estrutura interna da sílaba: a teoria autosegmental e a teoria métrica”.

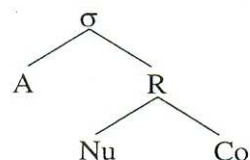
A primeira formulada por Kahn (1976), está inspirada na notação autosegmental, que pressupõe camadas independentes, uma das quais representa as sílabas (indicada pela letra grega σ) às quais estão ligados diretamente os segmentos.

(1)



A outra teoria defende que as sílabas são estruturadas como em (2), conforme Selkirk (1982), baseando-se em propostas feitas anteriormente por Pike e Pike (1947) e Fudge (1969).

(2)



(COLLISCHONN, 1996, p. 91-92)

As duas teorias apontadas por esta autora, estão de acordo com a segunda proposta de Goldsmith.

Ao observarmos a estrutura da segunda proposta, percebemos que nesta, a sílaba tem uma estrutura hierárquica se dividindo em duas partes, o Ataque (A) e a Rima (R). Esta se subdivide em outras duas partes, o Núcleo (Nu) e a Coda (Co). O Núcleo é preenchido pelo elemento mais soante (o mais sonoro, que nos chama mais atenção, como vimos anteriormente), no português representado pelas vogais (como já vimos). Relembrando o princípio de sonoridade, o Ataque seria preenchido por uma escala crescente de sonoridade e a Coda por uma decrescente.

As duas propostas apresentadas por Collischonn mostram um diferente relacionamento entre elementos internos da sílaba. A primeira vê um relacionamento homogêneo entre os três elementos. Já a segunda percebe um relacionamento mais próximo entre Núcleo e Coda, do que entre Núcleo e Ataque. Esta é comumente a proposta mais aceita atualmente nas teorias sobre sílaba, a de uma estrutura hierarquizada.

Segundo Hockett (1955 apud GOLDSMITH, 1990), o Núcleo é um elemento obrigatório na sílaba, enquanto os elementos satélites são opcionais. Ainda segundo o autor, as diferentes línguas apresentam variadas restrições sobre quantos e quais elementos podem ocupar as posições internas da sílaba. Collischonn (1996, p. 97) também aponta estas características:

As línguas diferem quanto ao número de segmentos permitido em cada constituinte silábico. Há línguas que permitem apenas um segmento no ataque e outro na rima. Há línguas que permitem um segmento no ataque e dois na rima. Por outro lado, há línguas que permitem dois segmentos no ataque, um no núcleo e até três segmentos na coda.

Já Spencer (1996, p. 80) cita sobre a qualidade e a quantidade de elementos que podem ocupar as posições de ataque e coda: “Há uma forte tendência, de que as línguas apresentem uma assimetria na escolha dos segmentos permitidos no ataque e na coda; normalmente uma maior variedade de consoantes, ou grupos de consoantes, é permitida no ataque do que na coda.⁵” Sendo assim, nós teremos, possivelmente, sempre mais elementos permitidos no ataque do que na coda.

O mesmo autor ainda nos fala que em algumas línguas o ataque preenchido é um constituinte obrigatório, como no árabe moderno padrão.

⁵ No original: There is a strong tendency for languages to show an asymmetry in the choice of segments permitted in onset and codas, so that typically a greater variety of consonant or consonant cluster is permitted in the onset than in the coda.

1.1.3 Composição da Sílabas

Visto a estrutura interna da sílaba, vejamos como ela se compõe, como ela chega àquele estado final.

Verificamos que, o que nos chama a atenção para a possibilidade de divisão silábica é o pico sonoro, o elemento mais soante, ou seja, aquele de maior destaque. Pois bem, este pico sonoro vai dar origem ao Núcleo (Nu) da sílaba, pois ele é mais facilmente perceptível (SPENCER, 1996; BISOL, 1999). Em português e em várias línguas do mundo esta posição é ocupada apenas por vogais, porém em algumas línguas, uma consoante pode aparecer naquela posição, exercendo a função de uma vogal.

Em seção anterior do nosso texto foi colocada uma escala de sonoridade apresentada por Goldsmith. Segundo o autor, quanto maior o valor de sonoridade de um elemento, mais chances ele tem de figurar na posição de Núcleo.

Vimos, segundo Selkirk (1982), que após o Núcleo fica a Coda (Co), que junto com o Nu formam a Rima (R) e que antes no Nu temos o Ataque (A).

Após encontrar o Núcleo, o segundo passo é localizar o Ataque, que será a consoante anterior ao Núcleo, formando o padrão universal de sílaba CV. Caso haja mais consoantes antes do Núcleo, elas também poderão fazer parte do Ataque, respeitando o Princípio de Maximização do Ataque (SPENCER, 1996). Só após isso, a Coda será incorporada à Rima.

Goldsmith (1990) coloca este princípio como aquele que resolverá o problema de silabação quando tivermos apenas uma consoante entre duas vogais VCV, colocando como mais importante para a sílaba ter um elemento no Ataque do que na Coda. Desta maneira seria preferível termos a divisão V.CV à divisão VC.V.

Selkirk (1982) fala da força dos constituintes silábicos citando outros autores. Segundo ela, para autores como Hooper (1976 apud SELKIRK, 1982) e Liberman e Prince (1977 apud SELKIRK, 1982) a sequência de força dos constituintes seria: Núcleo, Ataque e Coda. Justificando assim, a ordem de formação da sílaba e a ordem de importância de espaços a serem preenchidos nela.

Ao considerar estas afirmações podemos compreender o motivo da ordem de boa formação de uma sílaba, justificada pelo Princípio de Maximização do Ataque, que é o preferencial preenchimento do Ataque à Coda. Fazendo com que tenhamos mais sílabas com A preenchido e Co vazia do que o contrário. Lembramos que esta não é uma declaração universal, podemos encontrar sílabas com Coda preenchida e Ataque vazio.

Desta forma, a partir desses autores, ilustramos o processo de formação da sílaba da seguinte forma:

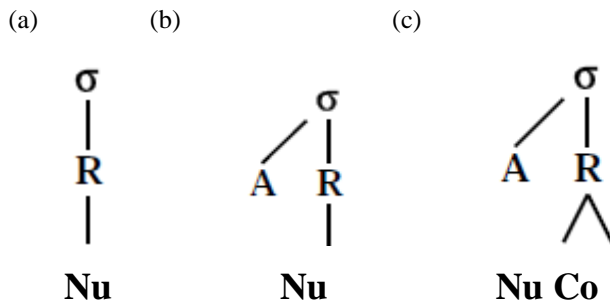


Figura 1.2: Processo de formação da sílaba

Em 2(a) temos a identificação do Núcleo, em 2(b), a identificação do Ataque à esquerda do Núcleo, formando o padrão universal CV, que é encontrado em todas as línguas orais estudadas até o momento e em 2(c) finalizamos a sílaba com a Coda. Segundo Spencer (1996, p. 80), “Quando uma criança está adquirindo o sistema fonológico de sua língua, CV é a primeira estrutura que ela aprende”. Sendo assim, analisando a questão das forças existentes entre os três elementos da sílaba, é justo pensar que é mais comum vermos a falta da Coda em uma sílaba do que o Ataque, justificando assim o padrão universal CV.

Revedo as palavras citadas na seção sobre sonoridade: *empada*, *consonant* e *pronostica* (palavras do Português, Inglês e Espanhol respectivamente). Constatamos que o princípio de sonoridade não permitiria sequências do tipo *mp*, *ns* e *st* antes do Núcleo (na posição de ataque). Sendo assim, as divisões *e.mpa.da*, *co.nso.nant* e *pro.no.sti.ca* são inviáveis. Porém, este princípio permitiria divisões do tipo *emp.a.da*, *cons.o.nant* e *pro.nost.i.ca*, que rapidamente percebemos não serem corretas.

No entanto, se fizermos uso dos princípios de sonoridade e maximização do ataque juntos, conseguimos uma divisão silábica usualmente aceita. Observemos primeiramente a divisão da palavra *empada*.

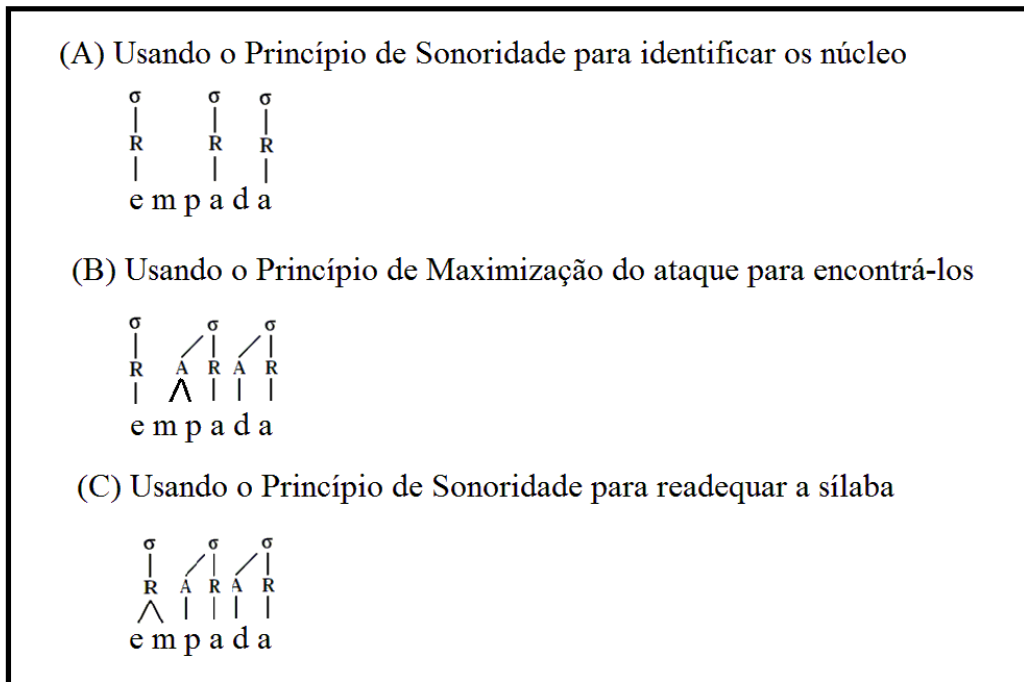


Figura 1.3: separando sílabas da palavra *empada*.

Agora vejamos a palavra *consonant*.

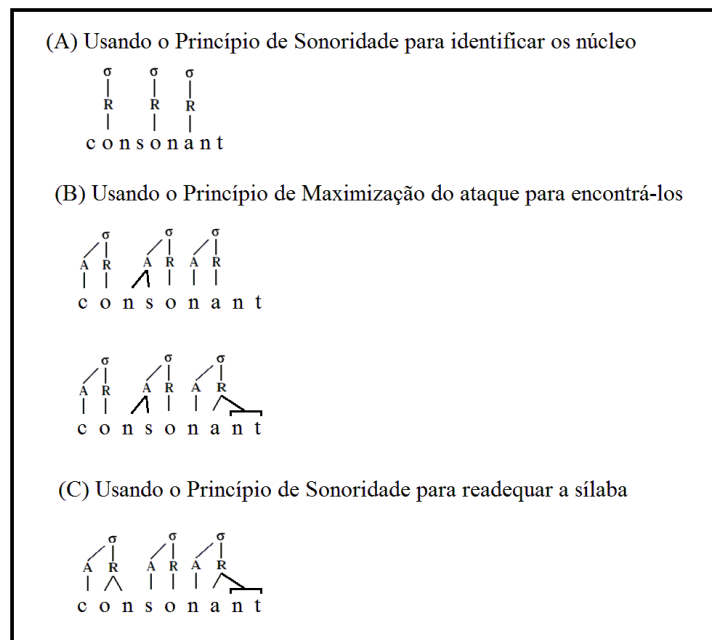


Figura 1.4: separando sílabas da palavra *consonant*.

Por fim a palavra *pronostica*.

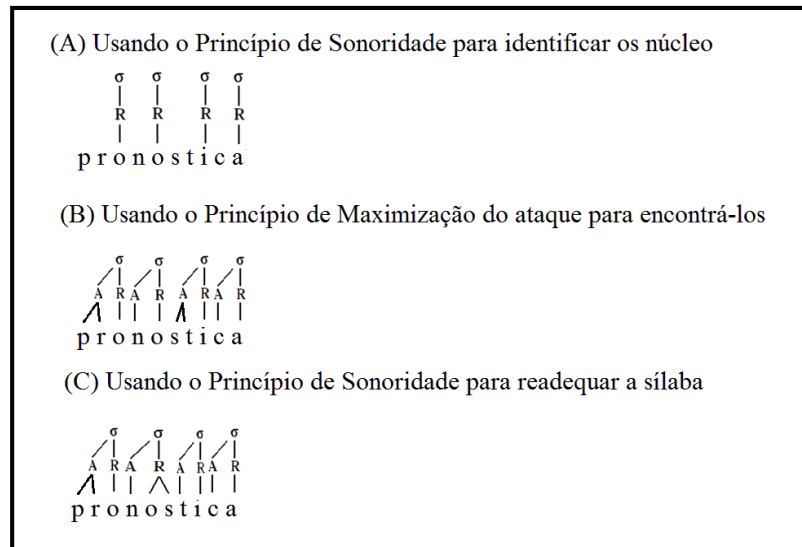


Figura 1.5: separando sílabas da palavra *pronostica*.

Tivemos a oportunidade de observar que o uso de dois princípios de composição de sílabas, usados concomitantemente, nos dá a identificação do Nu, A e Co nesta ordem. Seguindo estes dois postulados, temos boas chances de organizar a divisão silábica de diferentes palavras em variadas línguas.

1.1.4 Licenciamento Prosódico e Peso Silábico

Ito (1986 apud COLLISCHONN, 1996) e Goldsmith (1990) nos falam do postulado do Licenciamento Prosódico. Segundo eles, as línguas são totalmente organizadas no sentido *top-down*, ou seja, temos um enunciado que se divide em frases fonológicas, que se dividem em palavras fonológicas, que se dividem em pés, que se dividem em sílabas e que por fim se dividem em segmentos (consonantais e vocálicos, pensando-se em línguas orais).

Sendo assim, podemos concluir que “toda sequência fonológica é exaustivamente dividida em sílabas, isto é, qualquer segmento tem de ser associado a uma sílaba” (COLLISCHONN, 1996, p. 103).

Porém, Goldsmith (1990, p. 123) nos indica que podemos ter elementos que não sejam membros de uma sílaba. Neste caso eles devem ser marcados como contingentes extra-silábicos.

Para a reorganização da sílaba nestes casos Collischonn (1996) faz alusão a dois mecanismos que as línguas têm para se ajustar. A epêntese, que é o acréscimo de uma vogal

quando necessário e o apagamento, que é a exclusão de uma consoante, quando houver necessidade.

Citamos tais conceitos apenas para constatar que, de uma forma ou de outra, todos os segmentos de um discurso serão constituintes de uma sílaba. Tal postulado vai nos auxiliar ao pensarmos na estrutura silábica das Línguas de Sinais. Falaremos agora do peso silábico.

Sobre o peso da sílaba, temos as sílabas leves e as pesadas. As do segundo tipo são aquelas que são constituídas por mais de um elemento; no entanto, as leves também podem ter mais de um elemento. Sendo assim, para uma boa explanação do conceito, sua análise deve ser feita pela estrutura interna.

Vejamos a estrutura silábica das palavras do Português *prata* e *forma*.

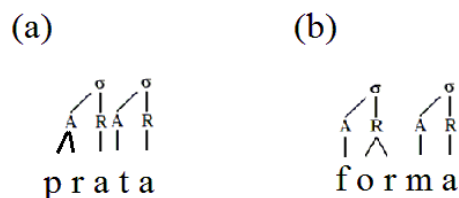


Figura 1.6: estrutura silábica das palavras prata e forma

Ao observar as sílabas *pra* e *for* constatamos que ambas têm mais de um elemento, porém apenas a segunda é considerada pesada. Isto ocorre porque o peso silábico é relacionado à Rima, sílabas que têm mais de um elemento compondo a Rima são consideradas pesadas, enquanto as que têm apenas um elemento são ditas leves (COLLISCHONN, 1996; GOLDSMITH, 1990). Vogais longas também fazem das Rimas elementos compostos. A composição do Ataque não conta para o peso silábico, por isso nosso primeiro exemplo de sílaba (*pra*) é considerado leve.

A seguir, passamos a elucidar elementos relacionados às LS, para depois apresentarmos uma hipótese de sílaba para a modalidade brasileira destas línguas.

1.2 FONOLOGIA DAS LÍNGUAS DE SINAIS

Já há algum tempo as LS são consideradas línguas naturais, sendo assim não se faz necessário justificar algo que já é comprovado. Nossa intenção é explanar sobre as unidades mínimas que formam o sinal visual.

Nas línguas orais, que são línguas de modalidade oral-auditiva, nós temos unidades mínimas que formam as palavras se dividindo entre segmentos vocálicos e consonantais. Nas

LS, línguas de modalidade diferente (visuo-espaciais), foi identificada uma quantidade maior de unidades mínimas.

Segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 48), o primeiro linguista a estudar uma LS foi o estadunidense William Stokoe na década de 1960, realizando uma descrição estrutural da *American Sign Language* – ASL (Língua de Sinais Americana)⁶.

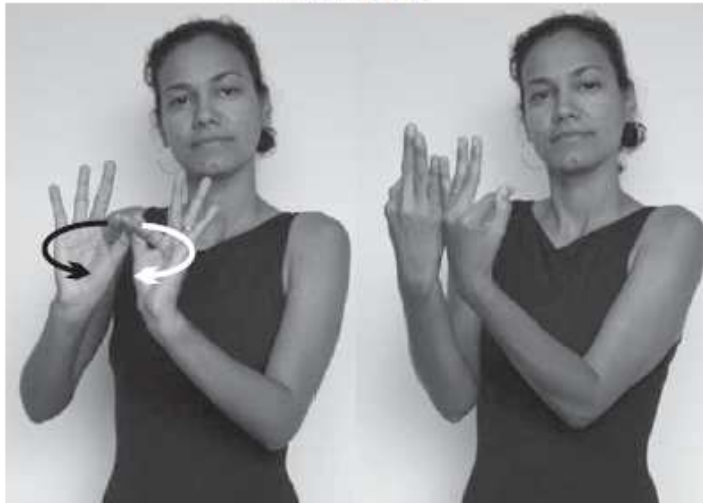
Ao analisar os sinais desta língua, ele propôs a decomposição destes sinais em três principais aspectos ou parâmetros, que isoladamente não carregam significados. Estes parâmetros seriam os grupos de unidades mínimas daquela língua, os seus grupos de fonemas.

De acordo com esta pesquisa, os parâmetros da ASL seriam a Configuração de Mão (CM), que é o possível formato que a mão assume ao realizar um sinal, por exemplo, quando se realiza o sinal de FAMÍLIA⁷ (figura 1.7), a configuração de mão é representada pela letra F. Outro parâmetro seria a Locação (L), ou Ponto de Articulação (PA), que é o local onde o sinal é realizado. Temos, por exemplo, o sinal de APRENDER (figura 1.8), que deve ser realizado na altura da testa, caso seja feito em outro local perde este significado. E, por fim, há o parâmetro Movimento (Mov), que é o possível movimento realizado na execução do sinal. Vejamos agora os sinais de FAMÍLIA e APRENDER retirados da apostila do Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez – CAS – Goiás.

⁶ Segundo Ovideo (2009), no início do século XIX um professor chamado Roch Ambroise Auguste Bébien, na cidade de Paris, estudou a Língua de Sinais Francesa e identificou que ela era formada por 4 componentes principais: Forma e Orientação de Mão, Movimento, Lugar e Expressão Facial. Bébien ainda criou uma proposta de escrita de sinais e publicou propostas para a de educação de Surdos baseada na LS. Para mais pesquisas acessar: <http://revistalenguaje.univalle.edu.co/index.php?seccion=REVISTA&revista=37-2>. Porém na maioria das bibliografias da área, William Stokoe é colocado como o primeiro pesquisador a descrever uma LS.

⁷ Em publicações na área de Línguas de Sinais, os itens lexicais dessas línguas são representados por letras maiúsculas.

FAMÍLIA



Mãos em F, palma a palma. Movê-las em arco para lados opostos e para frente, finalizando com os mínimos se tocando e as palmas para dentro.

Figura 1.7 – FAMÍLIA

APRENDER



Mão direita em S vertical, palma para esquerda, tocando a testa. Abrir e fechar ligeiramente a mão, duas vezes.

Figura 1.8 - APRENDER

Logo após Stokoe, outros estudiosos começaram a pesquisar as LS e adicionaram mais dois parâmetros à descrição (BATTISON 1974 apud QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 49). Foram eles: a Orientação da Mão (Or), ou Orientação de Palma, que é o local para o qual a

palma da mão fica voltada ao executar um sinal, e as Expressões Não-Manuais, que são as expressões faciais e corporais que os falantes ⁸destas línguas executam ao produzir sinais.

Inicialmente, foi pesquisada apenas a ASL, porém, com o passar do tempo e divulgação das pesquisas, estas foram realizadas em outras LS chegando-se às mesmas conclusões neste quesito. É desta forma que até hoje os pesquisadores das LS aceitam essa identificação dos grupos das unidades mínimas destas línguas.

Outra importante observação de Stokoe sobre a formação dos sinais em ASL foi sobre a organização sublexical. Xavier (2006) mostra que, apesar de o linguista estadunidense ter se esforçado para comprovar semelhanças entre LS e LOs, ele não deixou de apontar diferenças causadas pela modalidade de ambos os tipos de língua. “Para Stokoe, os sinais são constituídos de fonemas estruturados e produzidos simultaneamente, fato que os distingue dos signos das línguas orais, nos quais sua estruturação e produção são baseadas na sequencialidade” (XAVIER, 2006, p. 14).

Porém, Liddell (1984 apud XAVIER, 2006) mostra que há dois tipos de sinais na ASL, os unitários e os sequenciais, sendo que os do segundo tipo são a maioria dos sinais nesta língua, não tendo sua formação simultânea, mas sim sequencial. Xavier (2006, p. 16) cita sobre os do segundo tipo: “Já o segundo tipo de sinais, os *sinais sequenciais*, constitui a maioria, no léxico da ASL. Esses sinais se caracterizam por apresentar alguns de seus aspectos formacionais nitidamente realizados em sequência.”. Mais à frente, corroborando com as idéias de Liddell & Johnson, Xavier (2006, p. 25) cita: “... a sequencialidade é o princípio organizador da estrutura interna de cada sinal, uma vez que este pode ser constituído de mais de um segmento.”. Ressaltamos que Xavier coloca a simultaneidade como princípio

⁸ Colocamos os usuários de LS como falantes, pois consideramos o ato de falar não vinculado à oralização, mas sim à produção de palavras (que podem ser oralizadas ou sinalizadas). Vejamos a definição de falar em um dicionário on-line, o Dicionário Web:

Expressar-se pela palavra humana; dizer, discorrer, orar. Ter valimento, exercer influência: a honra deve falar mais alto que o interesse. Saber usar uma língua: falar português e espanhol. Combinar, ajustar, deixar assentado: foi isto o que se falou. Falar ao coração, emocionar. (DICIONÁRIO WEB. Disponível em: <<http://www.dicionarioweb.com.br/falar.html>>. Acesso em: 15 dez. 2012).

Notamos que, na definição, em nenhum momento o dicionário se refere a falar como algo vinculado à oralização, mas sim, vincula a palavra a uma língua. Sendo a LS uma língua natural, podemos considerá-la como sendo falada e, deste modo, podemos nomear seus usuários como falantes.

organizador da estrutura de cada segmento, mas sua estrutura interna é regida pela sequencialidade.

Cunha (2011) também fez uma importante pesquisa sobre a sílaba na Libras e com relação à formação de sinais afirmou que os parâmetros vão se organizando de modo sequencial durante a execução dos itens lexicais desta língua.

Em nossa pesquisa usamos como apoio visual a escrita de LS chamada ELiS. Percebemos que para escrevermos sinais, vamos usar seus fonemas em sequência para formá-lo.

Brentari (1995) também coloca a ASL como tendo uma característica sequencial e é esta posição que lhe dá base para defender o seu modelo de sílaba. No item 3.4 retomaremos a questão da sequencialidade, dando alguns exemplos que a demonstram, neste item também abordaremos outras características das LS.

Apresentamos na próxima seção nossa metodologia de pesquisa.

2 METODOLOGIA

Expomos agora como foi feita nossa pesquisa, desde as primeiras páginas escritas, a pesquisa de campo e o compilamento dos resultados encontrados. Traçamos aqui um perfil dos nossos colaboradores, demonstrando a pluralidade dos dados obtidos, também apresentamos os instrumentos de coleta de dados.

2.1 OS COLABORADORES DA PESQUISA

Para esta parte da pesquisa escolhemos para colaboradores: surdos de ambos os sexos, variadas idades e realidades sociais, fluentes em Libras, com diferentes níveis de escolaridade.

Pensamos em um número inicial de oito pessoas a serem pesquisadas, pois assim teríamos uma quantidade satisfatória de dados, não sendo um número pequeno. Conseguimos cinco pessoas, de ambos os sexos com idades entre quatro e sessenta e dois anos. A coleta de dados com essas pessoas se deu entre os meses de Maio e Junho de dois mil e doze. No mês de julho deste ano uma professora que conhecemos fazia um intercâmbio⁹ no Canadá. Deste modo, pedimos que ela aplicasse nossa pesquisa de campo com surdos de lá e nos trouxesse os resultados. Ela trouxe filmagens de dois surdos, um homem e uma mulher, com idades de 28 e 35 anos respectivamente. Totalizando então sete pessoas, deixando nossa pesquisa ainda mais rica por apresentar dados de outras línguas de sinais além da brasileira. O intuito de se usar dados de LS de outros países foi avaliar se os resultados obtidos em nosso país também apareceriam em amostragem do exterior.

Dos sete entrevistados, três têm curso superior. Todos os adultos brasileiros tiveram contato com língua de sinais de forma tardia. Dos surdos estrangeiros entrevistados, a mulher teve contato tardio com essa língua e o rapaz, por ser de família surda, teve contato desde o início de sua vida. A criança brasileira entrevistada é filha de pais surdos e por isso também teve contato com o idioma desde a mais tenra idade. Segue quadro com o perfil dos colaboradores na época das filmagens.

⁹ A professora Dra. Mariângela Estelita Barros foi ao Canadá para realizar uma pesquisa envolvendo ELiS (uma proposta de escrita de sinais), com surdos daquele país.

| Participante | Sexo | Escolaridade | Tipo de Surdez | Faixa Etária | País de Origem |
|---------------------|-------------|--|-----------------------|---------------------|-----------------------|
| A | F | 2 cursos superiores e 1 especialização. | Congênita | 35 – 39 | Brasil |
| B | M | 1 curso superior e cursando a 2ª graduação. | Congênita | 35 – 39 | Brasil |
| C | F | Ensino médio completo. | Congênita | Acima de 60 | Brasil |
| D | F | 1 curso superior, cursando o 2º e uma especialização | Congênita | 30 – 34 | Brasil |
| E | F | 1º ano da educação infantil. | Congênita | 0 – 4 | Brasil |
| F | F | Ensino médio completo | Congênita | 35 – 39 | Camboja |
| G | M | Ensino médio completo | Congênita | 25 – 28 | Canadá |

Quadro 02 - Perfil dos colaboradores

2.2 COLETA DE DADOS

O intuito da nossa pesquisa de campo foi o de deixar as pessoas pesquisadas o mais à vontade possível, para que pudessem produzir sua fala de forma mais natural. Para isso pensamos em executar uma entrevista em Libras com um questionário base¹⁰, mas nossa conversa não ficaria presa a ele, dependendo da direção da fala poderíamos nos afastar da ideia inicial. Essa estratégia foi pensada para que a conversa fosse bem informal, deixando com que as pessoas se sentissem à vontade ao conversar conosco, proporcionando assim dados mais genuínos para nossa pesquisa.

A escolha por um questionário base também se deu para que o colaborador não ficasse muito perdido na conversa, para que tivesse um norte, pois, chegar a uma pessoa e simplesmente pedir para que ela diga algo a ser filmado poderia deixá-la constrangida e sem

¹⁰ Ver apêndice A, lá o questionário está em Português, mas a coleta de dados foi feita em Libras.

saber como proceder. Por essa razão, optamos pelo questionário. As perguntas escolhidas foram pensadas de forma que se adequassem a qualquer colaborador, que fossem de fácil compreensão e que não necessitassem de grandes esforços mentais para serem respondidas, contribuindo assim para a fluência da entrevista.

Ao fim dessa entrevista, apresentamos algumas figuras¹¹ aos participantes, para que eles nos mostrassem os sinais das fotos colocadas. Como dissemos, temos boa fluência e experiência com a Libras. Sendo assim, as figuras foram escolhidas pensando-se em sinais interessantes à nossa pesquisa, ou seja, aqueles que poderiam enriquecer nossa análise evidenciando sinais que comumente não apareceriam nas entrevistas, tais como, sinais produzidos sem o uso das mãos, sem movimento ou ainda que tenham vários pontos de articulação na sua execução. Por essa razão escolhemos figuras variadas e de diferentes campos semânticos. Em alguns momentos, quando conhecíamos a existência de mais de um sinal para uma dada figura, questionávamos os colaboradores se eles sabiam da existência de tal variação. Todas as vezes que ocorreu tal situação, tivemos uma resposta positiva sobre a existência da variação. O intuito desta prática foi melhorar a base de dados para deixar a pesquisa mais consistente. Ressaltamos que mesmo com nosso conhecimento da língua, a confirmação de nosso banco de dados pessoal por falantes nativos é de fundamental importância.

De início havíamos pensado em apenas apresentar figuras para nossa coleta de dados, mas acabamos optando por uma conversa antes disso, pois apenas a sinalização solta das gravuras apresentadas não representaria uma produção lexical natural.

A entrevista com a criança teve um procedimento diferenciado. Com os adultos fizemos a entrevista pessoalmente, porém com a criança isso não foi possível. Em nosso primeiro contato percebemos que ela ficou muito tímida com a presença de uma pessoa alheia ao seu convívio (eu), impossibilitando assim a coleta de dados. Nossa estratégia foi passar o questionário ao pai explicando seu modo de aplicação, bem como também as figuras selecionadas para a criança, assim ele poderia aplicá-lo em casa, ambiente familiar e com pessoas de sua inteira confiança.

Assim foi feito, porém, por algum motivo computacional, o pai não conseguiu abrir as figuras em seu computador pessoal de casa. Deste modo, ele optou por colocar a criança ao lado da televisão enquanto assistia um desenho animado e pediu para que a criança fosse descrevendo em Libras as cenas que iam acontecendo no vídeo.

¹¹ Ver anexo A

Consideramos a oportunidade de ter uma criança de apenas quatro anos fluente em Libras um ganho muito grande para nossa pesquisa, pois ali temos contato com uma LS pura. Como a criança ainda não é alfabetizada, ela não tem nenhuma influência do português. Realmente uma situação ímpar em nosso trabalho.

Com os adultos, pelo caráter mais informal que queríamos dar à entrevista, deixamos que eles escolhessem o local onde eles queriam nos fornecer os dados. Como somos amigos pessoais de todos os entrevistados (exceto dos estrangeiros), a entrevista correu bem de acordo com o que desejávamos. A maioria dos colaboradores quis dar a entrevista em seu ambiente de trabalho. Apenas uma das entrevistadas precisava ir ao shopping e pediu para que lá fosse realizada. Assim o fizemos; filmamos no estacionamento.

Todas as entrevistas foram feitas por nós (com exceção das que foram feitas no exterior e da criança). Para todos os colaboradores, foi explicada a finalidade da entrevista.

O fato de deixarmos os participantes escolherem onde queriam conceder a entrevista se deu por consideração a eles, pois como cita Bell (2008, p. 144) “As pessoas que concordam em ser entrevistadas merecem consideração, por isso você precisará ajustar-se aos planos delas, por mais inconvenientes que eles sejam.”

Outra entrevista bem interessante foi com a senhora de sessenta e dois anos, pois tivemos acesso à realidade que os surdos e as LS tinham há mais de cinquenta anos atrás. Seus relatos são realmente chocantes. Podemos citar como exemplo a não aceitação da Libras pelos familiares, o isolamento escolar e falta de acesso à informação, esses foram alguns dos depoimentos frequentes em nossas conversas.

2.3 EQUIPAMENTOS E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS

Para a filmagem das conversas usamos uma máquina fotográfica Sony DSC-W350 14.1 megapixels e para apresentar as gravuras ao fim da entrevista usamos um notebook HP Pavilion DV4-2040BR. Ressaltamos que a máquina usada para filmagem é fabricada para fins fotográficos, sendo assim, em alguns momentos da filmagem ela desfocou, pois não é específica para este tipo de trabalho. Para as filmagens feitas no Canadá foi usada uma filmadora JVC – GZ-EX250 e as figuras foram apresentadas de forma impressa.

Após a finalização do procedimento de coleta e análise dos dados, os confrontamos com a hipótese que havíamos proposto. Tivemos acesso também a outros trabalhos sobre sílabas em LS aqui no Brasil e no exterior. Ambos os elementos reforçaram nossa ideia inicial, enriquecendo ainda mais nossa pesquisa.

A observação e análise dos dados foi feita assistindo-se aos vídeos por diversas vezes, muitas delas em câmera lenta, para melhor percebermos o processo de formação do sinal e seus limites. Usamos um *vídeo player* chamado VLC Media Player, pois este tem uma função de se reduzir a velocidade de reprodução do filme.

Em vários momentos comparamos os sinais encontrados em nossos dados com os apresentados na apostila dos cursos de Libras do CAS-GO para tentarmos entender o que seria realmente parte do sinal e o que seriam resquícios de espraçamento de produção lexical (restos de parâmetros de sinais realizados anteriormente).

Os dados foram usados para confrontar a nossa proposta inicial de sílaba para a Libras, proposta essa baseada nos estudos de sílabas em LOs, nos estudos de fonologia das LS e nos conhecimentos da língua que temos. No caso da nossa pesquisa, os dados serviriam para reafirmar a nossa proposta ou mostrar a necessidade de mudá-la.

Procuramos os componentes silábicos para a Libras, os seus componentes, os grupos fonológicos que preenchem cada *slot* da estrutura da sílaba. Por esse motivo nossa análise dos dados foi diferente das pesquisas padrão de análise de línguas; não fizemos uma transcrição de todas as filmagens, mas sim fomos assistindo-as para verificar sensatez ou não da nossa proposta inicial.

Cada vídeo foi visto várias vezes, em muitas delas em câmera lenta, quadro a quadro, para que a ordem de formação dos sinais fosse observada. Em alguns momentos surgiam dúvidas, como por exemplo, sobre a quantidade de PAs de um sinal, em situações assim recorreremos à ELiS como apoio visual. O uso dessa escrita de sinais se fez interessante, pois com ela podemos visualizar no papel a quantidade de um determinado parâmetro em um sinal, informação de suma importância para sabermos a quantidade de sílabas que um sinal possui de acordo com nossa proposta. Um exemplo de sinal que nos trouxe dúvidas na contagem de sílabas¹² foi o sinal de MACACO, vejamos como o sinal foi executado por uma de nossas colaboradoras.

¹² Este assunto será explicado na sessão 3.4. Neste momento estamos apenas explanando uma das formas em que a ELiS nos auxiliou na pesquisa.



Figura 2.1 - MACACO

A dúvida surgiu porque apesar de o sinal possuir dois PA, eles são executados ao mesmo tempo, nos deixando em dúvidas sobre a contagem silábica para tal item lexical. Resolvemos então escrever tal sinal em ELiS¹³, sua escrita ficou da seguinte maneira:

// < † θ ω □ η > † ι ˙. Através da escrita, visualizamos que o sinal tem dois pontos de articulação (os visografemas sublinhados), apesar de serem executados ao mesmo tempo. Foi esse tipo de análise que nos auxiliou em algumas questões que surgiram no decorrer da pesquisa.

Procurou-se explicitar neste capítulo como se procedeu a pesquisa em todas as suas etapas. Ressaltamos a importância de uma pluralidade no perfil dos colaboradores da pesquisa, pessoas de diferentes sexos e realidades sociais, de crianças a pessoas mais idosas, com diferentes vivências e escolaridade. Dessa forma, assumimos que o padrão encontrado nos dados coletados tem maior probabilidade de ser considerado válido. Na seção seguinte apresentamos nossa proposta para o Núcleo e para a estrutura de sílaba da Língua Brasileira de Sinais.

¹³ A ELiS – Escrita das Línguas de Sinais, como o próprio nome diz, é uma escrita para as línguas de sinais. Foi criada pela brasileira Mariângela Estelita Barros, oficialmente em 2008, já com a intenção de servir de escrita para as LS e atualmente conta com 94 símbolos. É um sistema de escrita das LS de base alfabética, linear e representa os parâmetros dos sinais propostos por William Stokoe em 1965. Ela usa os 3 parâmetros propostos por Stokoe (Configuração de Mãos, Locação e Movimento) de base para se constituir em escrita, acrescentando o parâmetro Orientação e inclui as Expressões Não-Manuais no Movimento. As regras e a estrutura da ELiS estão explicadas no Apêndice B.

3 UMA PROPOSTA DE ESTRUTURA DA SÍLABA NA LIBRAS

Como foi dito anteriormente, as LS já são consideradas há algum tempo como línguas naturais, pois foram analisadas e chegou-se à conclusão, de que obedecem aos universais linguísticos, desde os trabalhos de William Stokoe. Sendo assim, podemos afirmar que, apesar de serem de modalidade diferente das línguas orais, elas terão muitos componentes existentes nestas línguas. E um destes componentes, de suma importância na descrição de qualquer língua natural, é a sílaba.

Se as LS são naturais e já têm seus fonemas/visemas¹⁴ descritos, como vimos no item 1.2, então já é possível almejarmos a identificação de uma estrutura silábica para estas línguas.

3.1 EM BUSCA DO NÚCLEO DA SÍLABA

Vimos no capítulo 1 que a sonoridade é a primeira característica que nos chama a atenção para a separação silábica em línguas orais, sendo que o Núcleo constitui o pico de sonoridade desta sílaba. Aliada a esta informação e usando o Princípio de Maximização do Ataque, temos que, como primeiro passo para se identificar uma sílaba, encontrar seu Núcleo, sendo este o componente mais sonoro na cadeia da palavra, o elemento que é mais audível.

Tomando-se a Libras como foco de investigação, facilmente podemos estranhar a procura de um pico sonoro nesta ou em qualquer outra língua de sinais. Sendo assim, fazendo uma adaptação de modalidade, poderíamos dizer que o Núcleo da sílaba na Libras seria o elemento mais visual, o que chama mais atenção aos olhos, Sandler e Lillo Martin (2006) chamaram este elemento de saliência visual¹⁵.

Outra diferença causada pela modalidade, é que, em Línguas Orais, os fonemas são constituídos por dois tipos de segmentos, os vocálicos e os consonantais, ao passo que as LS tem mais segmentos que constituem este grupo: os cinco parâmetros, como já observamos na seção 1.2.

¹⁴ Barros (2008) propõe uma nomenclatura específica para as línguas de sinais dentro da fonética e fonologia. Em que fonética passaria a ser chamada de visética, fonologia seria visologia, as letras seriam chamados visografemas, fonema se tornaria visema e assim por diante.

¹⁵ Visual salience

Ao observarmos um falante de Libras produzindo sinais e se formos questionados sobre qual é o grupo de visemas (parâmetro) que chama mais atenção na sinalização, possivelmente seremos tentados a responder que seja o Movimento, caracterizando este como o possível Núcleo da sílaba. Vejamos o sinal PRAZER retirado da apostila do CAS-GO:



Mão direita aberta, palma para dentro, tocando o peito. Movê-la descrevendo círculos horizontais no sentido horário.

Figura 3.1: PRAZER

Agora o sinal DESCULPE, também da mesma fonte:

DESCULPE



Mão direita em Y, palma

para dentro, tocando o

Este segundo sinal não tem Movimento, sendo assim, como ficaria o Núcleo da sílaba neste caso, já que falta esse parâmetro? Seria um Núcleo diferente?

Vimos que no Português, assim como na maioria das línguas, o Núcleo da sílaba sempre é preenchido por segmentos do mesmo tipo, os vocálicos, elementos mais sonoros e que não podem ser trocados por outros, ou seja, o Núcleo será sempre uma vogal. Assim, tanto em Português quanto em outras línguas, o Núcleo é preenchido pelo elemento mais sonoro, elemento esse que é sempre do mesmo tipo.

Sandler e Lillo Martin (2006, p. 196) afirmam que: “Todos os sinais têm movimento”¹⁶ para seus estudos sobre a Língua Americana de Sinais - ASL e por isso colocam o movimento como Núcleo da sílaba. Já Felipe (2001, p. 21), sobre a Libras afirma: “...os sinais podem ter movimento ou não. Os sinais citados acima têm movimento, com exceção de *PENSAR* que, como os sinais *AJOELHAR* e *EM-PÉ*, não tem movimento”. Vejamos agora o sinal *EM-PÉ* coletado com alguns dos nossos entrevistados.



Figura 3.3 – Colaboradora D produzindo o sinal EM-PÉ.

¹⁶ No original: All signs have movement.



Figura 3.4 – Colaborador B produzindo o sinal EM-PÉ.

O sinal das figuras 3.3 e 3.4 foram coletados na parte onde se apresentava figuras aos colaboradores da nossa pesquisa, eram sinais fora de contexto.

Durante a nossa pesquisa de campo, na parte em que os colaboradores eram entrevistados, encontramos outros sinais que não apresentavam Movimento. Entre eles estava a execução de numerais com apenas um algarismo, pois quando a composição tinha mais de um a troca de CM fazia com que surgisse um Movimento.

Vejamos agora a imagem da nossa colaboradora E sinalizando sua idade.



Figura 3.5 – Colaboradora E sinalizando sua idade.

Note que apenas sua mão direita representa a palavra transmitida no momento, a mão esquerda estava apenas arrumando a diadema que estava em seu cabelo.

Encontramos sinais sem Movimento também nos nossos colaboradores de outros países. A figura 3.6 a seguir mostra uma surda do Camboja, residente no Canadá, falando em LSQ. O sinal apresentado indica um não conhecimento sobre algo. Nesta foto, apenas a mão direita dela indica a palavra produzida no momento, a mão esquerda aparece, mas como repouso deixado pelo sinal anterior. Ressaltamos que apesar de o foco da nossa pesquisa ser os componentes da sílaba na Língua Brasileira de Sinais, ao fim do nosso trabalho observamos o material de outro país que tínhamos e acabamos encontrando os mesmos resultados que aqui, dando um indicativo de que este padrão silábico pode ocorrer em outras LS, porém foi apenas uma breve observação que necessita de mais estudos para ser confirmada. No momento, colocamos a foto para mostrar que lá no Canadá também foram encontrados sinais sem Movimento.



Figura 3.6 – Colaboradora F produzindo um sinal sem movimento em LSQ.

Outros exemplos de itens lexicais sem Movimento (em Libras) apareceram na nossa coleta de dados no momento em que apresentávamos figuras aos colaboradores. Entre eles podemos destacar os sinais de DESCULPA e CASA.



Figura 3.7 – Colaboradoras C e A produzindo o sinal de DESCULPA.



Figura 3.8 – Colaboradores D e B produzindo o sinal de CASA.

Deste modo, observando a Língua Brasileira de Sinais, constatamos que o Movimento está presente em alguns sinais, mas não em outros. Por esta razão pensamos ser uma boa opção procurarmos outro parâmetro que apareça em todos os sinais.

Seria então o elemento mais visível a Configuração de Mão?

Tanto em sinais que têm Movimento quanto em sinais que não têm Movimento, ali está presente a Configuração de Mãos. Porém, ao analisar a língua atentamente, encontramos sinais que não necessitam do uso das mãos para serem produzidos, tais como uma variação do sinal ATO SEXUAL e uma do sinal ROUBAR. Em que o primeiro é feito inflando-se uma das bochechas e o outro escorregando-se a língua internamente pela bochecha. Vejamos agora uma das variações destes dois sinais que foram coletados em nossas entrevistas.



Figura 3.9 – Colaboradores A e B produzindo o sinal de ATO SEXUAL



Figura 3.10 – Colaboradora C produzindo o sinal de ATO SEXUAL

Neste ponto da entrevista a colaboradora C acrescentou uma informação ao sinal, colocando o sinal de VÁRIOS/VARIADO nele, item lexical que é feito com o uso das mãos.

Porém, isso foi apenas um acréscimo informacional, proveniente do entendimento que a pessoa tem da figura apresentada.



Figura 3.11 – Colaboradora D produzindo o sinal de ATO SEXUAL

Deixamos claro aqui que esta é apenas uma das variações do sinal ATO SEXUAL, há outras que são feitas com o uso das mãos, mas nosso intuito aqui foi demonstrar a existência de itens lexicais produzidos sem o uso desses articuladores. Vejamos agora uma das variações apresentadas para o sinal de LADRÃO/ROUBAR.



Figura 3.12 – Colaboradora C produzindo o sinal de LADRÃO/ROUBAR



Figura 3.13 – Colaboradora A produzindo o sinal de LADRÃO/ROUBAR

Nesta foto, a colaboradora chega a apontar a bochecha com o dedo; não que ele faça parte do sinal, mas ela quis salientar onde e com qual articulador o sinal é produzido.

Outro sinal encontrado em nossas entrevistas e que não fazia uso dos articuladores manuais foi o sinal de NÃO. Uma de suas variações é feita apenas com o balançar da cabeça para os lados.



Figura 3.14 – Colaboradora A produzindo o sinal de NÃO.

Com base nos dados apresentados, constatamos que há sinais na Libras que são produzidos sem o uso das mãos.

Mais uma vez nos encontramos sem um Núcleo presente em todos os sinais.

Tomando-se o parâmetro Orientação da Palma, caímos no mesmo problema da Configuração de Mão, pois quando não há uma Configuração de Mão, conseqüentemente nós não teremos Orientação de Palma.

Outro parâmetro que chama a atenção ao observarmos um sinalizante de LS são as Expressões Não-Manuais que a pessoa usa ao produzir sua fala. No entanto, em uma observação mais atenta constatamos que existe uma gama de sinais que não necessita de expressões para serem realizados e entendidos. Vamos comparar os sinais já apresentados DESCULPA e CASA.



Figura 3.15 – Colaboradoras C e A produzindo o sinal de DESCULPA.



Figura 3.16 – Colaboradores D e B produzindo o sinal de CASA.




Nas nossas entrevistas ficou visível que, para sinais como DESCULPA, a Expressão Não-Manual é muito importante, pois é ela que vai demonstrar o arrependimento pelo qual a pessoa está se desculpando. Já em sinais como CASA, a Expressão Não-Manual não se faz tão importante, a não ser que se queira colocar alguma intensidade ao se referir a esse item lexical.

Por fim, o parâmetro que nos resta é o Ponto de Articulação (ou Locação). Analisando bem este item das LS, vemos que ele pode não parecer (e apenas não parecer mesmo!) o mais visível, contudo é o único que aparece em todos os sinais. Não há a possibilidade de se executar um sinal sem a Locação, pois todo sinal precisa ser produzido em algum lugar do corpo (ou próximo dele).

Algo que nos chamou a atenção para a importância do PA nos sinais da Libras, foi o uso da ELiS. Durante cursos que participamos e ministramos, em atividades pessoais envolvendo esta escrita e na observação de outras pessoas escrevendo, percebemos que apenas um parâmetro aparecia em todos os sinais, o Ponto de Articulação. Consideramos esta escrita como uma das molas propulsoras que nos motivou a buscar o Núcleo da sílaba em Libras. Por isso, apresentamos agora duas tabelas com sinais escritos em ELiS, uma acompanhada da descrição dos sinais em Português e outra com cada grupo de parâmetros separados em colunas.














Agora a tabela com sinais escritos em ELiS e sua respectiva descrição no português.

Tabela 02 - Descrição de sinais em Português e em ELiS

| Sinal | ELiS | Descrição no Português |
|---------------|---|---|
| Conhecer |  | Configuração de mão em 4, palma para esquerda, bater lateral do dedo no queixo repetidas vezes. |
| Ter |  | Configuração de mão em L, palma virada para esquerda, tocar a ponta do polegar no tórax repetidas vezes. |
| Ladrão/Roubar |  | Língua encostando na parte interna de trás da bochecha, sendo levada para frente ainda encostando na bochecha |


Tomando-se todos os sinais apresentados até agora, escrevendo-os em ELiS e colocando-os em uma tabela separada por parâmetros temos a seguinte distribuição (colocamos cada visografema de uma cor para facilitar o entendimento).


Tabela 03 - Sinais em ELiS

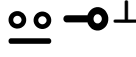
| SINAL | CD | Or | PA | Mov |
|----------|---|---|---|---|
| Prazer |  |  |  |  |
| Desculpe |  |  |  | |
| Conhecer |  |  |  |  |
| Ter |  |  |  |  |
| Roubar | | |  |  |

Claramente podemos perceber que a única coluna que foi preenchida em todos os sinais foi a coluna de Ponto de Articulação, reforçando a ideia de que este seria o pico mais visível em um sinal e o único presente em todos eles, configurando-o como núcleo da sílaba.

Ressaltamos que o sinal ROUBAR, por convenção e aprimoramento da escrita, não está mais sendo escrito da forma apresentada. Como a escrita é também convencionalizada, não necessariamente irá representar fidedignamente a fala e, com o passar do tempo e do uso,

vai se transformando. Atualmente o referido sinal esta sendo escrito da seguinte forma .

Porém, ressaltamos que o símbolo  representa língua na bochecha, que é a união de um ponto de articulação e de um Mov, mas que foi deixado pela criadora do sistema no grupo das Expressões Não-Manuais, que são colocadas na posição do Movimento.

Sendo assim, mantivemos a escrita como  por questões de melhor visualização da nossa justificativa¹⁷.

Temos então o PA como único parâmetro presente em todos os sinais da Libras, Por essa razão, o tomaremos como nosso Núcleo neste ponto do trabalho. Só o fato de termos apenas um tipo de grupo fonológico/visológico como Núcleo de sílaba, faz desse um grande candidato à Núcleo silábico de fato. Pois como já vimos, em LOs as vogais constituem o Núcleo silábico na maioria das línguas. No entanto, apresentamos na próxima seção argumentos que vão corroborar e fortalecer nossa proposta.

Passamos a buscar os elementos que preencherão os demais espaços da estrutura da sílaba, bem como continuar argumentando para fortalecer nossa proposta de núcleo silábico.

3.2 A ESTRUTURA SILÁBICA

Vimos anteriormente, que o preenchimento do Ataque e da Coda são opcionais em algumas línguas orais. Vimos também que há casos de sinais em Libras que não têm Movimento ou Configuração de Mãos e Orientação de Palma. Sendo assim, estes elementos podem ocupar a posição de Ataque e Coda, porém, nós temos três elementos para duas posições. Mas, analisando atentamente, a Orientação de Palma só existe se a Configuração de Mão existir, pois em sinais realizados sem o uso das mãos não teremos a Orientação de Palma. Sandler e Lillo-Martin (2006, p. 150) citam: “(1) a Configuração de Mãos é composta do formato e da orientação da mão; (2) sendo que o formato consiste da seleção dos dedos e suas posições; e (3) a orientação seria uma subclasse do formato de mão, ou seja, dos dedos selecionados.¹⁸” (tradução nossa). Deste modo, vinculando a existência da Orientação de

¹⁷ Justificamos que a fonte ELiS causa mudança no espaçamento entre as linhas do parágrafo no editor de texto, deixando-as fora do padrão ABNT.

¹⁸ No original: (1) hand configuration is made up of both the shape and orientation of the hand; (2) the shape consists of finger selection and their position; and (3) orientation is a subclass of handshape, i.e., of selected fingers.

Palma à Configuração de Mão e seguindo a proposta de Sandler e Lillo-Martin (2006), ficamos com dois elementos para as duas posições que restam.

Desta forma, voltamos aos parâmetros propostos por Stokoe na década de 1960 - CM, PA e Mov.

Recapitulando, até agora temos o Ponto de Articulação ocupando a posição de Núcleo, já definido e, a Configuração de Mão (seguindo a definição de Sandler e Lillo-Martin) e o Movimento para ocuparem a posição de Ataque e Coda, ainda por se definir.

Vimos que Selkirk (1982) postula sobre as forças que têm as posições da sílaba, sendo que para ela o Núcleo é mais forte que o Ataque e este mais forte que a Coda. Estudamos também que, pelo Princípio de Maximização do Ataque ocupamos, preferencialmente, primeiro a posição do Ataque para depois preencher a Coda, formando o padrão CV (Ataque e Núcleo preenchidos), que é universal e aparece em todas as línguas orais até então estudadas. Citando novamente Collischon (1996, p. 103) “toda sequência fonológica é exaustivamente dividida em sílabas, isto é, qualquer segmento tem de ser associado a uma sílaba”. Com essa afirmação, percebe-se a necessidade de todos os parâmetros que compõem um sinal estarem vinculados a uma sílaba.

Spencer (1996) afirma que temos mais elementos que podem preencher a posição de Ataque, do que a posição de Coda. O autor ainda nos deu exemplos de línguas orais em que a posição de Ataque preenchida é obrigatória, como o Árabe moderno Padrão.

Por tudo isto, podemos concluir que temos mais sílabas com a posição de Ataque preenchida e a posição de Coda vazia do que sílabas com Coda preenchida e Ataque vazio.

Em Libras temos muito mais sinais com Configuração de Mãos e sem Movimento do que sinais com Movimento e sem Configuração de Mãos. Sendo assim, o campo Configuração de Mãos aparece mais vezes preenchido do que o campo Movimento. Também percebemos que há uma dependência do Movimento ao Ponto de Articulação, pois o Movimento só pode ser executado, assim que a mão chega a sua Locação esperada. O mesmo já não acontece com a Configuração de Mão, pois antes mesmo de a mão estar posicionada em seu Ponto de Articulação esperado, ela já pode estar em seu formato esperado para a produção do sinal. Esta análise mostra que a força que a Configuração de Mão tem é maior que a do Movimento, que o número de sinais com CM e sem Mov é maior que sinais sem CM e com Mov; e que o Mov tem uma dependência do PA, configurando o Movimento como Coda, a Configuração de Mão como Ataque (Seguindo as ideias de SPENCER 1996 e SELKIRK 1982) e reafirmando o PA como núcleo. Desta forma a ordem de forças dos componentes da sílaba em Libras seria: PA > CM > Mov.

Desta forma, teríamos esta estrutura para a sílaba na Libras:

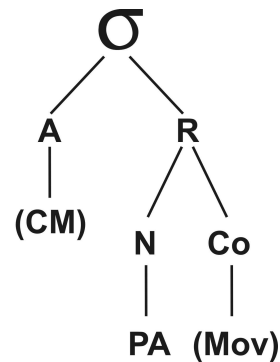


Figura 3.17: Estrutura da sílaba na Libras

Nesta estrutura o Ataque e a Coda seriam opcionais, configurando como obrigatório e único: o Núcleo (PA), porém, seria sempre necessário haver a presença de pelo menos um dos dois elementos satélites (CM ou Mov) para a constituição da sílaba, pois não encontramos sinais em Libras constituídos apenas por Ponto de Articulação. Poder-se-ia pensar em um Ataque dividido em Configuração de Mão e Orientação de Palma, porém, como a existência do segundo está diretamente ligada à do primeiro e seguindo a definição de Sandler e Lillo-Martin (2006), optamos por conceber a estrutura da sílaba como foi apresentado.

As Expressões Não-Manuais não aparecem na estrutura silábica, pois em nossos dados ela apareceu apenas com funções sintáticas ou pragmático-discursivas.

Apesar de não aparecer em nossos dados, temos conhecimento de casos em que a Expressão Não-Manual aparece como item fonológico na função de par mínimo entre duas palavras, como em LARANJA E LIMÃO. Na variação da Libras na região de Goiânia a única diferença entre esses dois sinais, e que causa a diferença de significado entre eles, é uma expressão facial de azedo que acompanha o sinal de LIMÃO. Neste caso, a Expressão Não-Manual tende a aparecer junto com o Movimento, se configurando como Coda.

Sendo assim, acreditamos que a Expressão Não-Manual seja um supra-segmento do sinal, podendo aparecer desde seu início até o fim, mas tendendo a aparecer junto com o Movimento (na Coda). Collischonn (1996) define assim um supra-segmento quando enquadra o acento das línguas orais como um deles:

Todos nós conhecemos as propriedades distintivas dos fonemas. Sabemos, por exemplo, que p/t são fonemas distintivos, porque contrastam em “porta” e “torta”. E o acento? Há contrastes neste caso? [...] Seria o caso de considerar o acento um fonema da língua? Muitos autores responderam afirmativamente a esta pergunta; só que o acento é um fonema de tipo especial, porque ele não aparece colocado linearmente entre outros segmentos, mas sim, se superpõe a eles. Ele se acrescenta a

segmentos e, por isto, é chamado de supra-segmento. (COLLISCHONN, 1996, p. 132)

Seguindo tal postulado, cremos que a Expressão Não-manual pode ser considerada um supra-segmento, pois se superpõe a outros segmentos. Porém, ressaltamos que este deve ser um assunto mais aprofundado em outras pesquisas, pois as nossas observações sobre ele foram breves e este não foi o foco em nosso trabalho.

Por essa razão, para a constituição da estrutura silábica da Libras, vamos considerar apenas os parâmetros CM, Or, PA e Mov.

Com esta proposta de estrutura silábica, podemos também pensar em peso de sílabas, em que sinais com Mov seriam sinais com sílabas pesadas, pois seria uma sílaba com a Coda preenchida; e sinais sem este grupo de fonemas/visemas seriam sinais com sílabas leves. Abordamos mais este assunto na seção 3.4.

Vejamos na foto abaixo a dependência que o Mov tem do PA e como a CM pode ser produzida antes mesmo de chegar ao PA. Colocamos quadro a quadro a sinalização do sinal MULHER, que compõe o sinal MÃE (MULHER + BENÇÃÃO). Mas antes vamos colocar o sinal de MULHER, como consta na apostila do CAS-GO.

MULHER



Mão direita em A, palma para esquerda, polegar destacado. Passar o lado do polegar sobre a bochecha, em direção ao queixo.

Figura 3.18 – Sinal MULHER tirado da apostila do CAS-GO

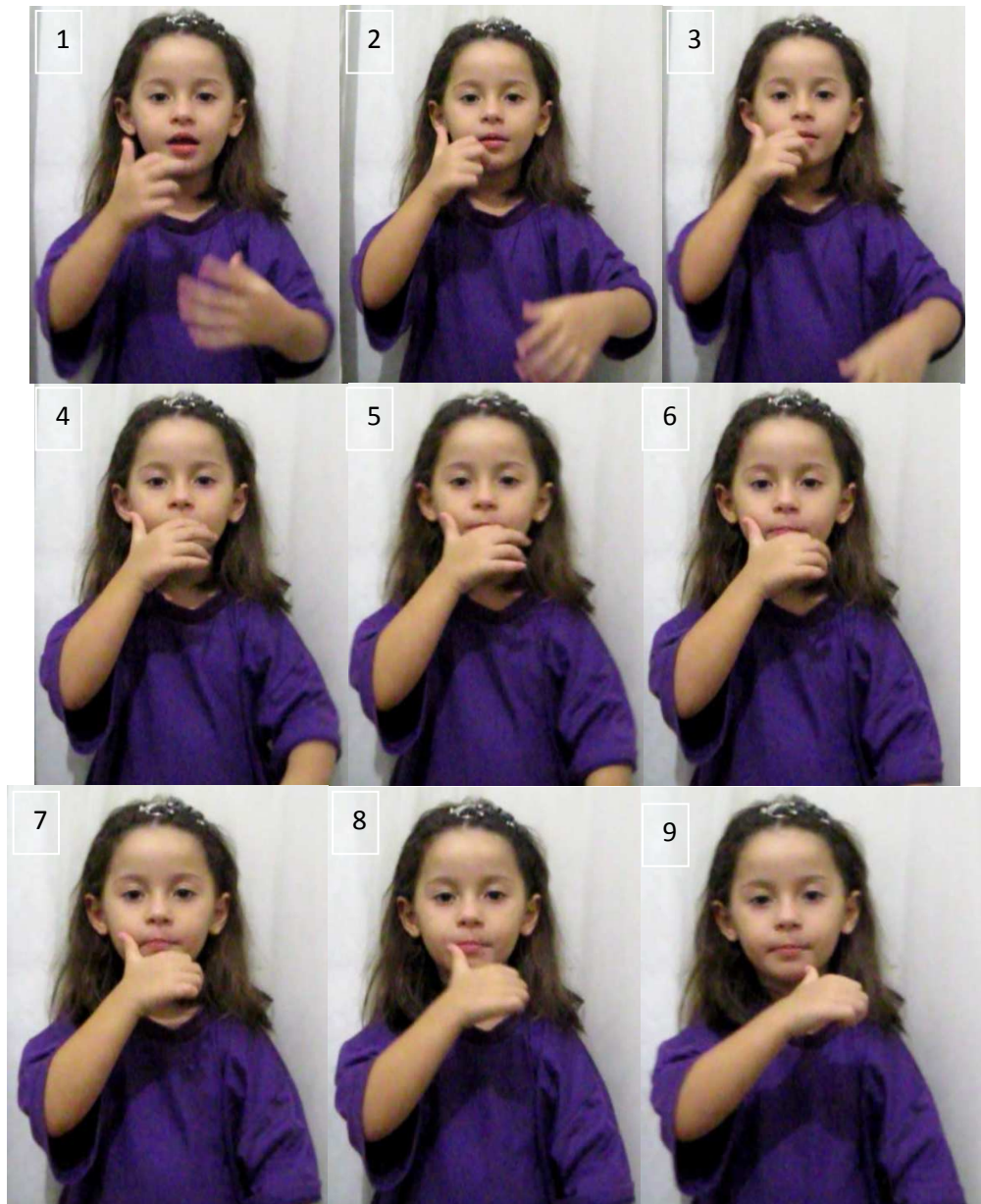


Figura 3.19 – Colaboradora E produzindo o sinal MULHER

O PA deste sinal é a bochecha. Percebe-se que a colaboradora só coloca seu polegar no Ponto de Articulação no quinto quadro. Antes disso, ela estava apenas se preparando para realizar o sinal, mas a sua CM já estava pronta, assim como podemos constatar nos primeiros quatro quadros. Podemos perceber também a dependência que o Mov tem do PA, pois ele só pode ser executado a partir do momento em que a mão chega no PA esperado, corroborando mais uma vez para nossa proposta de estrutura silábica.

Na próxima foto vemos outra colaboradora fazendo o sinal de CAVALO. Somente no quarto quadro ela chega com sua mão no PA do sinal, mas antes disso a CM já estava pronta.

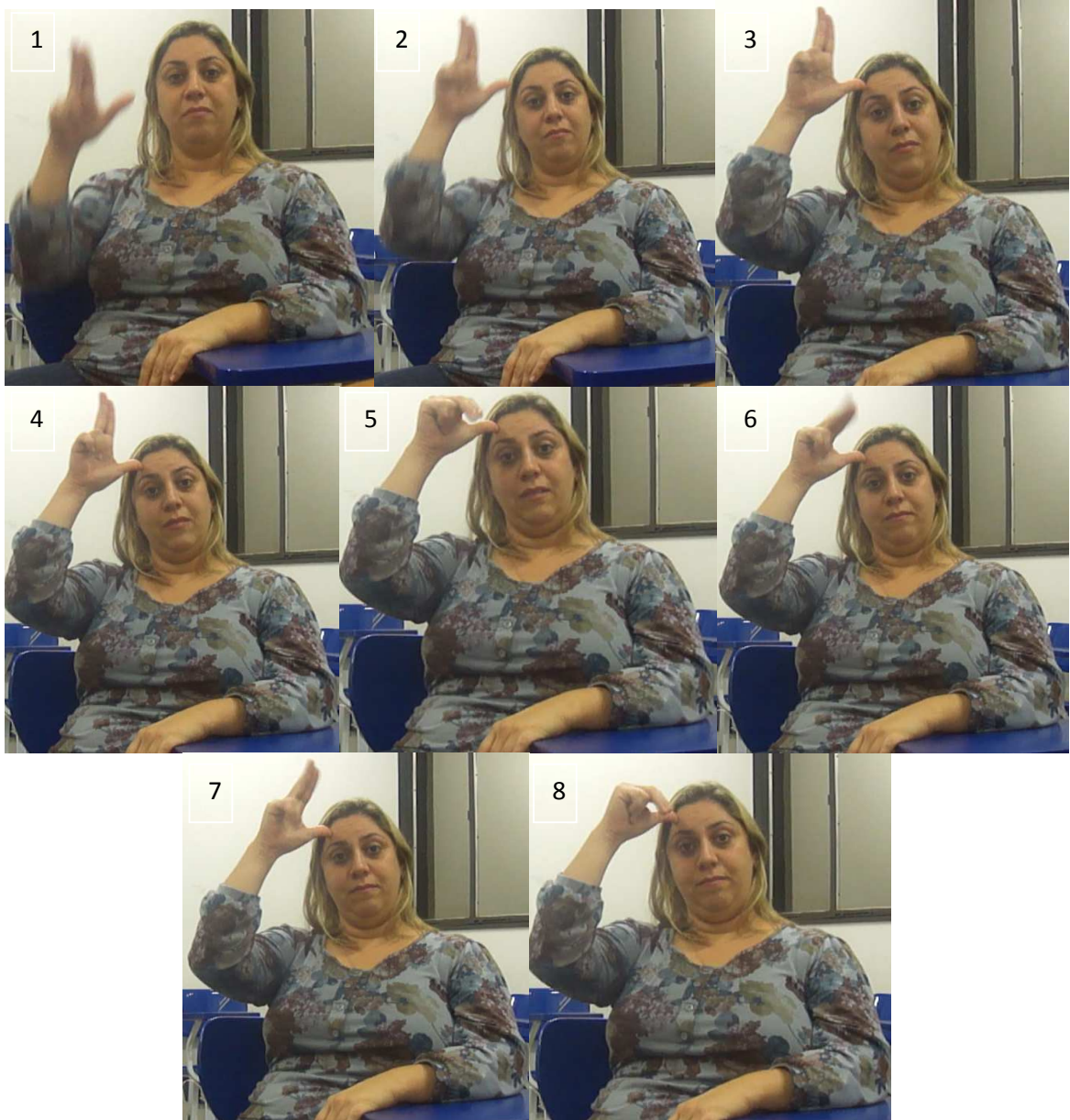


Figura 3.20 – Colaboradora A produzindo o sinal de CAVALO

Vejamos agora como este sinal é apresentado na apostila do CAS-GO, bem como a sua descrição.



Figura 3.21 – Sinal CAVALO na apostila do CAS-GO

Mais uma vez, aparece a ordem de formação dos sinais: Configuração de Mãos (Formato de Mão e Orientação), Ponto de Articulação e Movimento, uma formação sequencial, sendo essa a mesma ordem de estrutura silábica que propomos para o Ataque, Núcleo e Coda. Ressaltamos que esta foi a ordem nos sinais encontrados na nossa pesquisa de campo. Poderíamos apresentar centenas de sinais, mas por ser irrelevante a redundância de exemplos, escolhemos os dois acima.

Outra observação importante sobre a ordem e sequência de formação de sinais pode ser feita tomando-se como parâmetro a forma como os sinais são escritos em ELiS, uma proposta de escrita de sinais concebida a partir da Língua Brasileira de Sinais e que se adequa a qualquer LS. Essa escrita toma como regra a seguinte sequência: 1 - Configuração de dedos, 2 - Orientação, 3 - Ponto de Articulação e 4 - Movimento. Essa ordenação não pode ser alterada e caso o sinal não tenha algum dos parâmetros, esse deve ser apenas omitido. Assim sendo, a linha de formação para a escrita em LS, segundo proposta da ELiS, é a mesma que propomos para a estrutura silábica da Libras.

No próximo item reafirmamos nossa proposta de estrutura silábica com base nos dados coletados em nossa pesquisa, bem como apresentamos as ideias de outros autores sobre o assunto ressaltando as similaridades e as diferenças.

3.3 OUTRAS DEFINIÇÕES DE SÍLABA EM LS

Neste item justificamos a proposta silábica com base nos dados coletados em nossa pesquisa, bem como apresentamos o conceito de sílaba em LS postulado por outros pesquisadores. Autores como Sandler e Lillo-Martin (2006), Liddell e Johnson (1989 apud SANDLER e LILLO-MARTIN, 2006), Cunha (2011), Hulst (1993 apud CUNHA) entre outros, serão citados nesta parte do trabalho, cujas pesquisas foram extremamente importantes para o desenvolvimento de estudos em LS, embora produzidas em contextos diferentes dos nossos, com embasamentos teóricos anteriores diferentes dos nossos e que talvez por esses motivos tenham tido resultados diferentes dos apresentados nesta pesquisa. Ressaltamos que não é nosso intuito desqualificar tais trabalhos, pelo contrário, as propostas apresentadas pelos seus autores nos auxiliaram bastante na elaboração de nossa hipótese. Porém, por termos uma realidade diferente e pela característica da pesquisa científica em sempre procurar entender, reafirmar ou tentar melhorar postulados existentes, nossos dados tiveram um resultado diferenciado em alguns aspectos com relação a outros autores.

Liddell e Johnson (1989[1985] apud SANDLER e LILLO-MARTIN, 2006) propõem um modelo silábico para as LS, segundo o qual consideram que estas línguas são organizadas sequencialmente alternando elementos estáticos e dinâmicos, no qual podem ser comparados às consoantes e vogais respectivamente, sendo os elementos estáticos análogos às consoantes e os dinâmicos às vogais. Neste modelo, portanto, o Mov é o item dinâmico equivalente à vogal e considerado a saliência visual da sílaba em LS, seu núcleo.

No início do nosso trabalho citamos que as LS também são línguas naturais e que por isso compartilhariam de alguns conceitos das LOs. Porém, mesmo pensando assim, devemos ser cuidadosos ao fazer pesquisas do tipo, pois podemos acabar colocando as línguas sinalizadas dentro de uma caixinha oral. Não devemos olhar para línguas visuo-espaciais com óculos de línguas orais-uditivas, pois são produções linguísticas de modalidades diferentes, e como tal, suas diferenças devem ser respeitadas.

Ao se colocar o Movimento, elemento dinâmico, como vogal das LS e as suspensões, que são os elementos estáticos, como consoantes, acaba-se ignorando os outros visemas que compõem essas línguas. Sendo assim, têm-se elementos visológicos que existem dentro de um sinal, mas que não compõem uma sílaba.

Se já existe uma descrição visológica (fonológica) consolidada dessas línguas, é natural que todos os elementos descritos apareçam na estrutura silábica, tal qual consta no postulado do Licenciamento Prosódico apresentado na seção 1.1.4.

Alguns autores como Cunha (2011) e Sandler e Lillo-Martin (2006) entre outros, tomam o Movimento como Núcleo da sílaba em LS, pois consideram que todos os sinais possuem Movimentos e que esse parâmetro seria a saliência visual do sinal. Porém, encontramos casos de sinais em Libras que não apresentam o parâmetro Mov. Para essas situações, tais autores consideram que ali existe o Movimento Transicional, aquele que ocorre entre um sinal e outro, ou na preparação de algum item lexical da LS, distinguível do Movimento que ocorre internamente ao sinal.

Cunha (2011, p. 48) ao falar sobre este tipo de Movimento: “Em línguas de sinais, Hulst refere-se ao movimento de transição como sendo o ataque. O ataque não faz parte do domínio fonológico, pois o movimento de transição que acontece de um sinal para outro não apresenta propriedades distintivas”.

Ainda sobre o mesmo assunto, Cunha (2011, p. 48) afirma:

Verifica-se que, nas LS's, o movimento está presente em todos os sinais, seja movimento de direção, movimento interno ou movimento de transição. Segundo Hulst (1993), não existem diferentes tipos de movimento de transição em LS's, ao contrário do que acontece com as rimas, as quais apresentam uma série de possíveis distinções bem maior do que em LOs. Apesar de não apresentar propriedades distintivas e de não ser um movimento fonológico, o movimento de transição tem uma relevância para o estudo da sílaba em LS. Esse movimento também apresenta um grau de visibilidade e contribui para o ritmo do enunciado. O movimento de transição está relacionado à preparação para a produção do sinal e também ao término deste sinal.

Wilbur (1990 apud CUNHA, 2011, p. 100) afirma que: “na ausência de um movimento fonológico no sinal, o movimento de transição é silabificado, recebendo o *status* de sílaba, pois esse movimento afeta os demais parâmetros durante a enunciação”.

Os autores citados tomam o Movimento de Transição como possível Núcleo de sílaba, porém afirmam que tal elemento não é fonológico, pois não apresenta propriedades distintivas.

Postulados que consideram o Movimento de Transição como elemento formador e possível Núcleo de sílabas partem da observação de um enunciado como um todo, justificando assim sua consideração.

Então, propôs-se, nesta pesquisa, que a língua seja observada em um escopo mais amplo, partindo da observação do enunciado como um todo, para então fazer a análise da sílaba. Assim, foi possível visualizar elementos que se destacam durante a produção linguística. Verificou-se que todo e qualquer movimento realizado durante a enunciação é considerado núcleo da sílaba, seja ele fonológico ou não (CUNHA, 2011, p. 133).

Apesar de nossa pesquisa ser baseada em entrevistas, acreditamos que para analisar a formação dos sinais, devemos considerar os itens lexicais isoladamente. Pois um mesmo sinal pode ter Movimentos de Transição antecessores e posteriores diferentes em diferentes contextos. Além do que, se um elemento não é fonológico, não podemos considerá-lo como elemento constituidor de palavra e conseqüentemente de sílaba, pois ele não apresenta propriedades distintivas. Desta forma entendemos que tal afirmativa vai contra os princípios fonológicos de formação silábica e por esse motivo o Movimento de Transição não pode compor sílaba.

Este foi o pressuposto que tomamos em nosso trabalho, o de que o Movimento Transicional não é fonológico e que por isso não pode constituir parte da sílaba. Desta maneira concordamos com Felipe (2001) sobre a existência de sinais em Libras que não possuem Movimento. Sob esse postulado, acreditamos que, possivelmente, qualquer LS deve possuir sinais sem Movimento.

Tal entendimento mais uma vez caminha em direção à nossa proposta de o PA ser Núcleo da sílaba, por ser também, o único parâmetro que aparece em todos os sinais. Ressaltamos novamente o fato da dependência do Mov ao PA, mostrando um relacionamento mais próximo entre os dois, colocando-os como Coda e Núcleo respectivamente, formando a Rima, seguindo a proposta de uma estrutura silábica hierarquizada conforme apresentada em Collischon (1996).

3.4 ALGUMAS CARACTERIZAÇÕES

Com o Núcleo silábico identificado, outra consideração que pode ser feita em relação à sílaba é a quantidade de sílabas que constituem um sinal.

Durante nossa pesquisa, constatamos que a maioria dos sinais em Libras se caracterizava como monossilábicos, o que vai ao encontro às afirmações de Sandler e Lillo-Martin (2006), de que a maioria das palavras em LS consiste de uma única sílaba. Lembrando que para as autoras, o Núcleo da sílaba em ASL é o Movimento. No entanto, a afirmação também se mostra verdadeira com relação à Libras, porém, tomando-se o PA como Núcleo.

Consideramos que a contagem de sílabas em LS se dá da mesma forma que em LOs, ou seja, a quantidade de Núcleos silábicos em uma palavra será a quantidade de sílabas que ela contém.

O sinal CAVALO, apresentado nas figuras 3.21 e 3.22, é um exemplo de palavra monossilábica. Ele tem uma CM, em um determinado PA e com um Mov esperado. Formando assim, uma sílaba pesada (pois tem a coda preenchida).

Tomando-se a figura 3.21, nos três primeiros quadros temos a formação do Ataque (CM), no quarto quadro temos a formação do Núcleo (PA) e nos últimos quadros a formação da Coda (Mov). Em ELiS, CAVALO se escreve assim: — † . ☒ | - | ' ¶ :. No sinal escrito temos apenas um visografema de PA, o que está sublinhado, reafirmando e demonstrando que através desta escrita de sinais também é possível contar a quantidade de sílabas em um sinal.

Apesar de encontrarmos muitos sinais monossilábicos, encontramos também sinais com mais de uma sílaba, ou seja, sinais que têm mais de um Núcleo, que percorrem mais de um Ponto de Articulação durante sua execução. A seguir temos quadro a quadro, a colaboradora E executando o sinal de SURDO.

Dessa forma o sinal SURDO se caracteriza por ser dissilabo, sendo a primeira sílaba pesada e a segunda leve.

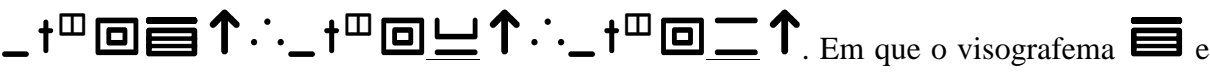

Em nossas entrevistas, chegamos a encontrar um sinal trissílabo, o do país ARÁBIA SAUDITA. Vejamos sua forma com a colaboradora A.



Figura 3.23 – ARÁBIA SAUDITA

Este sinal é feito com a mão aberta, dedos unidos, tocando-se no peito, queixo, testa e depois levando-se a mão para cima. Nos dois primeiros quadros temos a formação do Ataque, no terceiro a formação do primeiro Núcleo (CM chega ao seu PA), no quarto e quinto quadro temos a Coda. No sexto quadro temos uma CM chegando a um novo PA, ou seja, ali já temos a formação dos segundos Ataque e Núcleo, no sétimo e oitavo quadros temos a formação da segunda Coda. No nono quadro temos uma CM chegando a outro PA, formando então o terceiro Ataque e Núcleo e no último quadro temos a última Coda.

Assim, o sinal ARÁBIA SAUDITA se caracteriza por ser trissilábico, tendo todas as sílabas pesadas, já que o peso silábico é relacionado com a Rima. Sílabas com Coda preenchida são consideradas pesadas e com Coda vazia são consideradas leves (COLLISCHONN, 1996; GOLDSMITH, 1990). O sinal em questão tem a Coda preenchida (parâmetro Movimento) em todas as suas sílabas, caracterizando-as como pesadas¹⁹. Sua escrita em ELiS fica da seguinte maneira:

 . Em que o visografema  e os outros dois sublinhados representam os PAs

Através da exposição dos sinais acima fica clara a sequencialidade existente na Libras, em que a ordem CM – PA – Mov é sempre seguida e é graças a essa sequencialidade que foi possível levantar uma proposta de sílaba como fazemos neste trabalho, bem como contar a quantidade de sílabas existentes no léxico deste idioma.

Porém, surgiram alguns sinais que nos causaram dúvidas na sua contagem silábica, foram os sinais realizados com duas mãos, sendo que cada uma ocupa um PA diferente, como é o caso de PISCINA e MACACO. Esses causaram dúvidas, pois, além de apresentar a sequencialidade presente nos demais sinais, apresentavam também uma simultaneidade. Explicando mais claramente, eles apresentam duas sequências silábicas simultâneas. Vejamos o primeiro apresentado pela colaboradora C.

¹⁹ As teorias de sílabas em LOs trazem o conceito de sílabas superpesadas, que são sílabas em que a coda é preenchida por mais de um elemento. Porém optamos por não entrarmos neste mérito com relação às LS neste momento.



Figura 3.24 - PISCINA

O sinal PISCINA é bimanual (feito com duas mãos), porém, as duas mãos ocupam PAs diferentes e têm comportamentos independentes ao mesmo tempo. A mão esquerda fica suspensa à frente do corpo mais para o lado esquerdo, enquanto a direita fica à frente do corpo, mais ao lado direito, fazendo um movimento de remar. Dessa forma, cada mão tem uma sequência fonológica independente e simultânea à da outra. A mão direita constitui uma

sílaba pesada com CM, PA e Mov (Coda preenchida), enquanto a mão esquerda forma uma sílaba leve, sem Coda preenchida, apenas com os parâmetros CM e PA. Desta maneira consideramos que o sinal é dissílabo, pois apresenta duas sequências silábicas simultâneas.

Em ELiS visualizam-se os núcleos silábicos claramente // $_t\theta\alpha\eta^{\>-L^{\cdot}$, em que os visografemas $\underline{\alpha}$ e $\underline{\eta^{\>}}$ representam os PAs do sinal.



Figura 3.25 - MACACO

O sinal MACACO, feito com uma mão coçando a cabeça e a outra a lateral do tronco, apesar de as duas mãos executarem a mesma CM e Mov simultaneamente, elas fazem isso em PAs distintos, por esse motivo consideramos esse também um sinal dissilábico, formado por duas sílabas pesadas, pois as duas têm Coda preenchida (Mov). Em ELiS podemos ver claramente os componentes da sílaba // $\underline{\lt\theta\alpha\eta^{\>-L^{\cdot}}$, em que os dois visografemas sublinhados representam os PAs. Vejamos como o sinal é apresentado na apostila do CAS-GO.



Figura 3.26 – MACACO na apostila do CAS-GO

Findamos aqui nossa apresentação sobre a sílaba em Libras e passamos agora para nossas considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sílaba em LOs é até hoje um tema que não tem um denominador em comum. Em LS acontece o mesmo. Com nossa pesquisa, procuramos dar um novo enfoque para o assunto, colocando um elemento de Núcleo diferente da proposta na maioria dos estudos sobre LS.

Assim como LOs, LS são línguas naturais, porém de diferentes modalidades. As primeiras são oral-auditivas e as segundas são visuo-espaciais. Mesmo com essa diferença, é de se esperar que ambas possuam características em comum. A existência de sílabas é uma delas. No entanto, devemos sempre observar que diferenças advindas da modalidade podem surgir. Por exemplo, o número de grupos de segmentos formadores de palavras e conseqüentemente de sílabas. Enquanto em LOs temos dois conjuntos, vocálicos e consonantais, em LS temos cinco, os parâmetros (CM, Or, PA, Mov e Expressões Não-Manuais).

Em LOs a sílaba é norteadada pelo pico silábico, o elemento mais sonoro que constitui o seu núcleo. Soa estranho falar em elemento sonoro no estudo de LS, desta forma, de acordo com a nomenclatura de Sandler e Lillo-Martin (2006), denominamos este elemento, em LS, de saliência visual.

Na maioria das LOs, como no Português, apenas um tipo de segmento pode ocupar a posição de núcleo de sílaba, os vocálicos. Assumimos que tal afirmativa também cabe para LS, apenas um tipo de segmento deve constituir seu Núcleo silábico.

A primeira pergunta da nossa pesquisa era: “Qual seria o Núcleo da sílaba em Libras?”. Em nossa experiência com Libras e nos dados obtidos em nossa pesquisa de campo, confirmamos que o PA é o único grupo de parâmetros que aparece em todos os sinais. É impossível produzir um item lexical da Libras sem o PA, o que já não ocorre com os outros parâmetros. Encontramos sinais que não possuem CM e, conseqüentemente, Or, ou Mov, ou ainda Expressões Não-Manuais.

No começo de nossa pesquisa, lembramo-nos de quando estávamos iniciando nosso contato com a Libras e perguntamos a um surdo o sinal de COLUNA VERTEBRAL. Com a CM em “C”, ele girou seu tronco mostrando as costas e correndo a CM de cima a baixo em sua coluna, afirmando que aquele era o sinal que havíamos perguntado. Ao lembrar-se de tal ocasião, percebemos a grande importância do PA na constituição de um sinal. A necessidade desse parâmetro foi tamanha, que a pessoa se contorceu toda para mostrá-lo. Ali vimos que o PA realmente era uma saliência visual forte.

O PA é o espaço visual em que um sinal é executado, dizemos que é o espaço visual, pois um sinal poderia ser executado com as mãos para trás, sem que o interlocutor pudesse vê-lo. No entanto, dessa forma, mesmo tendo um sinal seguindo as regras de boa formação de sílaba apresentadas em nossa pesquisa, não teríamos uma comunicação. Simplesmente porque o interlocutor não teve acesso ao conteúdo da mensagem.

Caso uma pessoa executasse toda a sequência visológica/fonológica do sinal CAVALO (CM, Or e Mov) alterando-se o PA da lateral da testa para o meio das costas, teríamos um sinal bem formado, porém não interpretável, no sentido de entendível. Não seria apenas um sinal inesperado, seria uma falta de comunicação. Assim, nosso interlocutor não teria nem a chance de perceber se o sinal estava correto ou não.

Porém, caso executemos o mesmo sinal alternando-se qualquer um dos outros parâmetros, nosso interlocutor perceberia o problema. Teríamos uma comunicação, mesmo que fosse errônea.

Tal situação hipotética nos deixa clara a importância do PA. Ele realmente é a saliência visual do sinal em Libras, justificando, assim, mais uma vez seu estatuto de Núcleo.

Outra justificativa para o PA ser o Núcleo da sílaba vem do postulado de Collischonn (1996), que apresenta uma estrutura hierarquizada para a sílaba de LOs, em que a Coda tem uma relação mais próxima com o Núcleo do que com o Ataque. Em nosso *corpus* constatamos que o Mov dependia do PA, pois o primeiro só ocorria após a mão chegar ao PA esperado do sinal. Configura-se assim o Mov com menos ênfase que o PA, dependente dele e com uma relação mais próxima. Por essas razões, consideramos o PA como sendo o núcleo da sílaba em Libras.

Todo sinal com CM, conseqüentemente, tem Or. Um é dependente do outro. Por isso, seguindo a nomenclatura de Sandler e Lillo-Martin (2006), denominamos o conjunto Formato de Mão e Orientação de Palma como CM, ocupando um mesmo espaço dentro da estrutura silábica proposta.

Spencer (1996) cita que nas estruturas silábicas das LOs temos mais sílabas com Ataque preenchido e Coda vazia do que o contrário. Em Libras temos muito mais sinais com CM e sem Mov do que sinais sem CM e com Mov. Portanto, a CM mostra que é um elemento de mais força que o Mov, caracterizando a CM como Ataque e o Mov como Coda e trazendo mais uma similaridade entre LOs e LS: mais sílabas com Ataque preenchido e Coda vazia do que o contrário. Dessa maneira, a hierarquia de força da sílaba em Libras fica: PA > CM > Mov.

Sob esse postulado, a estrutura silábica proposta por nós tem a estrutura apresentada na figura 3.17. Com o Ataque preenchido com a CM, Núcleo com o PA e a Coda com Mov.

Nessa estrutura, o Núcleo (PA) é obrigatório, Ataque (CM) e Coda (Mov) opcionais, todavia, ao menos um dos dois últimos deve aparecer, pois não encontramos sinais formados apenas pelo Núcleo (PA), é necessário que ele esteja acompanhado de uma CM ou um Mov. Ressaltamos mais uma vez que o Ataque, a CM, é composto pelo Formato da Mão e a Or, seguindo proposta de Sandler e Lillo-Martin (2006).

As Expressões Não-Manuais não apareceram na estrutura, porque seu comportamento se configurou como um supra-segmento, elemento fonológico que aparece superposto a outro elemento. Elas podem aparecer desde o início até o fim da estrutura silábica, mas em nosso corpus tenderam a aparecer junto ao Mov, na Coda. Ressaltamos, porém, que esse precisa ser um item mais estudado na visologia (fonologia) das LS.

Em nosso trabalho citamos alguns autores que postulam o Mov como Núcleo de sílabas, entre eles Cunha (2011), Sandler e Lillo-Martin (2006), Brentari (1995) e Hulst (1993). Tais autores consideram que todos os sinais têm Mov. Para casos de sinais sem Mov, como cita Felipe (2001), os estudiosos que defendem o Mov como Núcleo postulam que o Movimento Transicional faz parte do sinal. Tal movimento seria o existente entre as sinalizações, ou mesmo aqueles que ocorrem na preparação de um sinal, distinguível do movimento interno do item lexical.

Contudo, autores, como Cunha (2011), Hulst (1993), Wilbur (1990 apud CUNHA, 2011), entre outros, afirmam que o Movimento Transicional não é fonológico, pois não apresenta propriedades distintivas.

Entendemos que um elemento não fonológico não é constituidor de palavras nem de sílabas, porque não apresenta propriedades distintivas. Não sendo fonológico, conseqüentemente, não pode ser Núcleo de sílaba. Sob tal pressuposto, acreditamos que todas as LS devem possuir sinais sem Mov.

Autores que consideram o movimento de transição como possível Núcleo de sílaba partem da observação do enunciado como um todo. Nós entendemos que, apesar de nossa pesquisa ser baseada em uma entrevista, devemos considerar os sinais de forma isolada. Já que, como citam Ito (1986 apud COLLISCHONN, 1996) e Goldsmith (1990), as línguas são organizadas no sentido *top-down*, ou seja, temos um enunciado que se divide em frases fonológicas, essas se dividem em palavras fonológicas, que se dividem em pés, que são divididos em sílabas e que, por fim, se dividem em segmentos (consonantais e vocálicos, em relação às LOs, e grupos de parâmetros, em relação às LS).

Nossas considerações só foram possíveis por termos encontrado em nossos dados, insumos para afirmar que a Libras tem uma formação seqüencial de itens lexicais. Isto é, seguindo sempre a ordem CM, PA e Mov, um padrão de boa formação, indo de acordo com afirmações já feitas por outros autores como Hulst (1993), Brentari (1995), Cunha (2011), Sandler e Lillo-Martin (2006), entre outros. Houve casos em que encontramos, sim, uma simultaneidade, mas foram duas seqüências fonológicas ocorrendo ao mesmo tempo, fenômeno que ocorre pelo fato de a língua ser visuo-espacial e podermos ter dois articuladores trabalhando ao mesmo tempo (duas mãos), situação impossível de ocorrer em LOs, em que temos apenas um articulador em exercício (o aparelho fonador). Com isso, entendemos também que apesar de a Libras ser uma língua natural como qualquer língua oral, devemos respeitar certas distinções decorrentes da diferença de modalidade.

Com a estrutura silábica da Libras definida, foi possível contar sílabas da mesma forma que em LOs, contando-se a quantidade de Núcleos. Ressaltamos que a maioria dos sinais encontrados foram monossilábicos.

Pôde-se também estabelecer as sílabas leves e pesadas dos sinais do mesmo modo que nas LOs, sendo que as sílabas pesadas são as que têm Coda preenchida (presença de Mov, para LS) e as sílabas leves são as que não têm Coda preenchida (ausência de Mov).

A ELiS se mostrou um importante recurso de apoio visual durante a pesquisa, nos auxiliando na identificação dos Núcleos, na contagem de sílabas e no estabelecimento de sílabas leves e pesadas. Ver um sinal escrito e segmentado no papel, apoiando os dados que estavam gravados em vídeo, facilitou muito todo o trabalho. Isso demonstra que a escrita em questão tem muita importância e valia para estudos envolvendo LS, já que o aparato visual tende a contribuir com qualquer tipo de pesquisa.

Diante dessa reexposição dos resultados da nossa pesquisa, demonstramos, agora, que em nosso trabalho a sílaba em Libras atende às propriedades globais esperadas da sílaba, apresentadas no item 1.1.2, citadas por Goldsmith (1990): (i) haver uma fórmula de se

especificar o que é uma sílaba, para dizer que uma unidade maior consiste de “n” sílabas, (ii) espera-se uma estrutura interna da sílaba, (iii) com a sílaba espera-se encontrar padrões de formação em uma língua, para sabermos quais são as palavras fonologicamente possíveis e (iv) que cada segmento pertença a uma sílaba.

Com relação à sílaba na Libras, todas essas propriedades foram contempladas em nosso trabalho: (i) a sílaba na Libras foi especificada e pode ser contada da mesma forma que em LOs, através da quantidade de Núcleos, (ii) estrutura interna apresentada na figura 3.18, (iii) encontramos um padrão de boa formação, CM (Formato de Mão e Orientação), PA e Mov e (iv) todos os grupos de visemas/fonemas da Libras estão presentes na nossa proposta de sílaba: CM (Formato de Mão e Orientação), PA, Mov e as Expressões Não-Manuais, que apresentaram características de supra-segmento podendo aparecer em qualquer ponto do sinal, mas tendendo a aparecer na Coda. Por este motivo optamos por não representá-la na estrutura silábica.

Ao fim da nossa pesquisa, procuramos os resultados obtidos com a Libras em outra língua de sinais que dispúnhamos em nosso corpus, a LSQ, a língua de sinais de Quebec no Canadá, inclusive apresentamos uma figura (3.16), como exemplo de um sinal, da língua em questão, que não tem Movimento.

A seguir apresentamos o sinal CASA em LSQ:

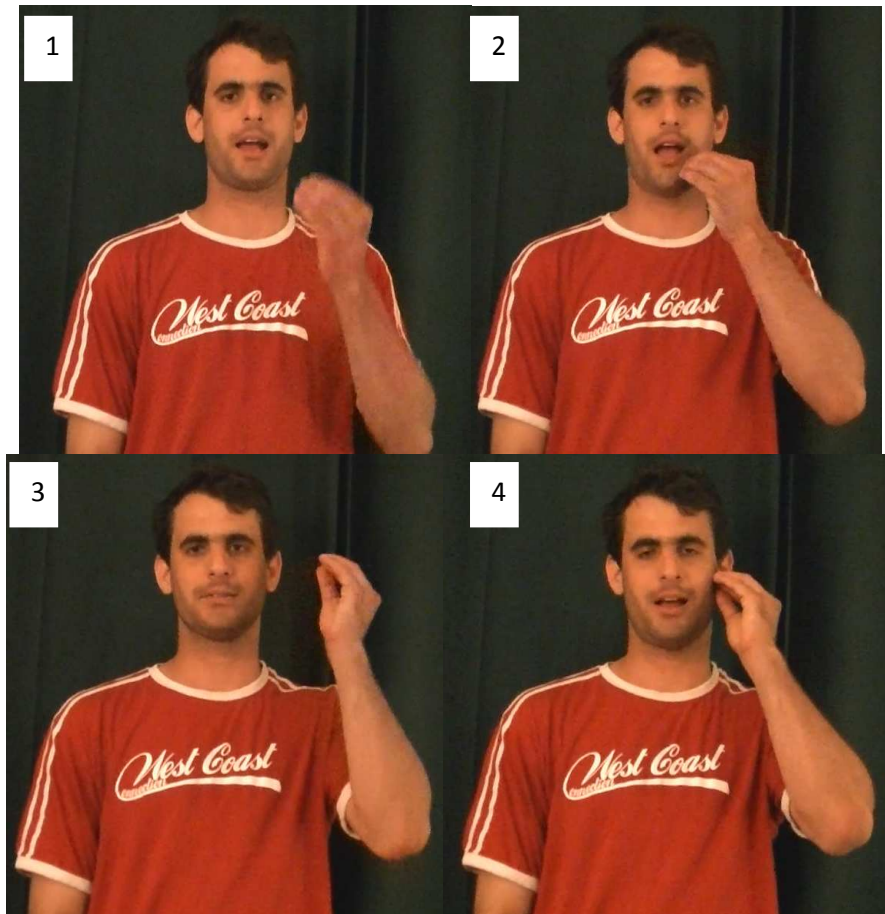


Figura I – CASA em LSQ

A figura I apresenta a formação de um sinal em LSQ. Percebe-se que ele segue a mesma ordem estrutural de um sinal em Libras, seguindo a ordem CM – PA – Mov. No primeiro quadro temos a formação do primeiro Ataque, a CM. No segundo quadro temos a formação do primeiro Núcleo, a CM chega ao PA. No terceiro quadro temos a formação da Coda, o Mov. No quarto quadro temos a formação do segundo Ataque e Núcleo. Caracterizando o sinal como dissílabo, com a primeira sílaba pesada e a segunda leve. Em ELiS sua escrita fica: $\backslash \square \underline{\underline{\square}} > T^{\uparrow} . : \backslash \square \underline{\underline{\square}} >$. Os dois visografemas sublinhados representam os PAs do sinal.

A estrutura silábica que propomos para a Libras se mostrou adequada para os dados de LSQ que temos, dando indícios de que essa pode ser também uma estrutura para outras LS. Mas, todavia, serão necessárias mais pesquisas para tal afirmação. O intuito desse exercício foi apenas dar um indício para pesquisas futuras.

Ressaltamos que pesquisas em LS trarão também contribuições para teorias das LOs, pois surgirão novos questionamentos sobre as teorias consolidadas até então.

Outro legado deixado pela nossa pesquisa é a percepção de como as LS há muito foram e são marginalizadas pela sociedade não-surda e, conseqüentemente, essa marginalização refletiu em seus usuários. Isso ficou claro nas conversas que tivemos com nossos colaboradores durante nossa coleta de dados, muitos foram os relatos nesse sentido. Consideramos que este trabalho trará além das contribuições linguísticas, empoderamento à comunidade usuária, porque, apesar de todos os estudos acerca do estatuto de língua natural que existem, ainda encontramos na sociedade e na academia pessoas que depreciam línguas visuo-espaciais.

Durante nossas entrevistas, ficou clara a satisfação que os surdos têm em poder usar sua língua, língua essa que aprendem de forma natural, sem o uso de procedimentos sistematizados. Na conversa com os mais velhos, é nítida a mudança de comportamento e visão de mundo após o contato e aprendizado da Libras. Oportunamente pudemos ver e agora afirmar que até mesmo uma criança externou sua alegria e admiração pela língua. Testemunhamos certo momento da entrevista em que ela afirmou que quando crescer queria ser professora de Libras igual ao pai, que é surdo e leciona a língua. Percebemos que, além da admiração pela língua, fica a perspectiva de futuro causada pela existência de um modelo adulto igual a ela: um adulto surdo, que viabiliza seu sustento e é ativo na sociedade. Pode-se afirmar que qualquer criança tem admiração pela profissão do pai. No entanto, na Comunidade Surda, isso nem sempre foi comum, já que, por muito tempo os surdos foram marginalizados profissionalmente.

Com essas contribuições finalizamos nosso trabalho, na esperança de que a partir deste, mais pesquisas em LS proliferem e que essas contribuam para novas conquistas da Comunidade Surda.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Mariângela Estelita. *ELiS – Escrita das línguas de sinais: Proposta teórica e verificação prática*. 2008. 199 f. Tese (Doutorado em Linguística). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- BELL, Judith K. *Projeto de pesquisa: guia para pesquisadores iniciantes em educação, saúde e ciências sociais*. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. p 107 – 170.
- BISOL, Leda. A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática do português falado*. v. 7: Novos Estudos. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1999. p. 701-742.
- BRENTARI, D. Sign language phonology. In: GOLDSMITH, J. (org.). *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge, MA: Blackwell, 1995. p. 615-639.
- CAMARA JR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1970. 114p.
- COLLISCHONN, Gisela. A sílaba em português. In BISOL, L. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. p. 91 – 123.
- CUNHA, Karina Miranda Machado Borges. *A estrutura silábica na língua brasileira de sinais*. 2011. 181f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.
- DICIONÁRIO WEB. 2012. Disponível em: <<http://www.dicionarioweb.com.br/falar.html>>. Acesso em: 15 dez. 2012.
- FELIPE. Tanya A. *LIBRAS em Contexto: curso básico, livro do estudante cursista*. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC; SEESP, 2001. 164p.
- GOLDSMITH, John A. Syllable structure. In: _____ *Autosegmental and metrical phonology*. Massachusetts: Blacwell, 1990. p. 103-168.

HULST, H. van der. *Units in the analysis of signs*. Phonology, vol. 10, nº 2. Holanda: Cambridge University Press, 1993. p. 209 – 241. Disponível em <https://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:Y9h8wziJxBcJ:www.linguistics.uconn.edu/pdf/051%2520-%2520Units%2520in%2520the%2520analysis%2520of%2520sign.pdf+Units+in+the+analysis+of+signs.+site:linguistics.uconn.edu&hl=pt-PT&pid=bl&srcid=ADGEESgWT_m3jz6G50MshNExbh48Mi0TLfPZV4DhNGKNJFh1YJeTVd-Kp_DMxabcIP1ZTH5YfJIpTB1xy7bTGbl7L_co5rEQ0BQ718RaGcJYSH6UkrB2HErMmQPDyHggpKFPI8f01_52b&sig=AHIEtbTjmgL3iaxaxM50IEuFesiOiEffGg> acesso em 17 out 2012.

OVIDEO, Alejandro. Vuelta a un hito histórico de La lingüística de las lenguas de señas: la mimographie de Bébian en el sistema de transcripción de Stokoe. *Lenguaje*, Universidad Del Valle, Cali. 2009, volume 37, nº 2, p. 293 – 313. Disponível em <<http://revistalenguaje.univalle.edu.co/index.php?seccion=REVISTA&revista=37-2>>. Acesso em 28 dez. 2012.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de sinais brasileira: Estudos lingüísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004. 221p.

SANDLER, Wendy; LILLO-MARTIN, Diane. *Sign Language and Linguistic Universals*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. 547 p.

SELKIRK, Elisabeth O. The syllable, 1982. In: GOLDSMITH, John A. *Phonological Theory: the essential readings*. Malden: Blackwell, 1999. p. 328 – 350.

SPENCER, Andrew. Syllable and Syllabification. In: _____ *Phonology: Theory and description*. Malden: Blackwell, 1996, p. 72 – 104.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DE GOIÁS. Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez. Apostila de Libras I, II, III, IV. Goiânia, 2011. Disponível em: <<http://cascursolibrasgoias.blogspot.com.br/2012/03/httpuploadstation.html>>. Acesso em 02 out. 2012.

XAVIER, André Nogueira. *Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua brasileira de sinais – libras*. 2006. 175f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

ANEXOS

Figuras apresentadas





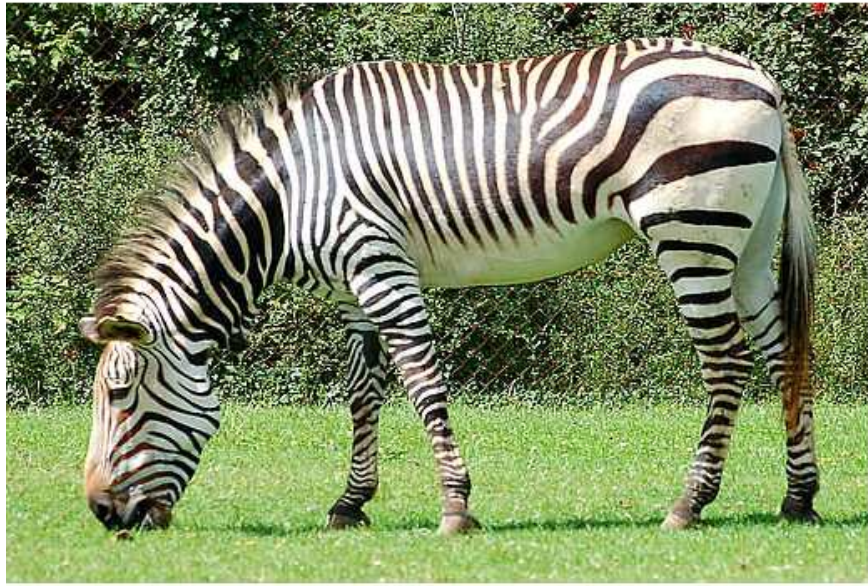




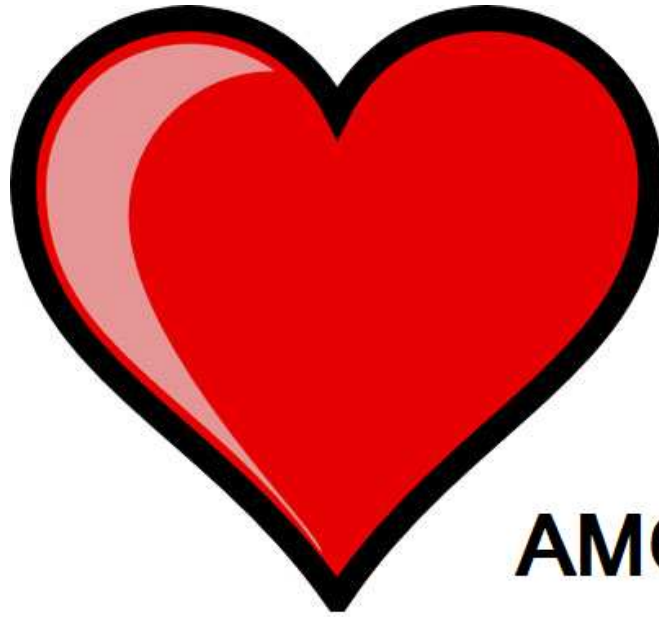


www.shutterstock.com · 40487122





AJUDAR



AMOR



ARÁBIA SAUDITA



EM PÉ



LINGUÍSTICA



NÃO

obrigado!

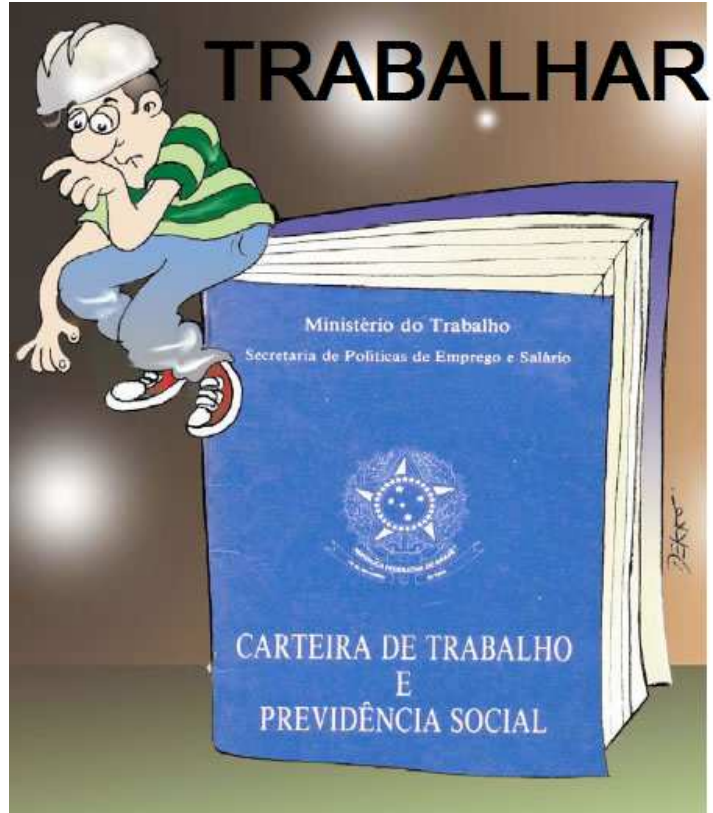


ATO SEXUAL





SIM



APÊNDICES

APÊNDICE A

Questionário Base

- 1 – Qual seu nome e sinal?
- 2 – Idade?
- 3 – Como é a sua família (ouvintes/surdos)?
- 4 – Data de Nascimento
- 5 – Conte sua história de vida (quando aprendeu libras, contato com surdos...)
- 6 – Escolaridade
- 7 – Profissão
- 8 – Casado?
- 9 – Filhos?
- 10 – Conte um dia marcante de sua vida.

APÊNDICE B

A ELiS – ESCRITA DE LÍNGUA DE SINAIS

Já há algum tempo existem propostas de escrita para as LS e em todo o mundo há várias propostas que estão em desenvolvimento e pesquisa. No Brasil²⁰, temos duas que despontam, o Sign Writing (SW) criado pela estadunidense Valerie Sutton em 1974, a partir de um sistema de notação de danças e que atualmente tem em torno de 1900 símbolos e a ELiS – Escrita das Línguas de Sinais, criada pela brasileira Mariângela Estelita Barros, oficialmente em 2008, já com a intenção de servir como escrita para as LS e atualmente conta com 94 símbolos.

Como ainda não há a escolha por uma proposta de escrita de língua de sinais oficial no Brasil, cada pesquisador opta pela abordagem que achar mais interessante e lhe servir melhor de apoio. Conhecendo as duas propostas e pensando a segunda ser mais econômica e viável para estudos linguísticos, optamos por esta em nosso trabalho. Deixamos claro que a pesquisa na área da Linguística tomando apenas a escrita como base não nos agrada, mas tê-la como um apoio visual faz desta uma ótima contribuição.

Segundo Barros (2008, p. 25), a ELiS é um sistema de escrita das LS, de base alfabética, linear e representa os parâmetros dos sinais propostos por William Stokoe em 1965. É de base alfabética porque representa os visemas²¹ das línguas de sinais. É linear, pelo fato de que os visogramas são escritos um após o outro, estando aqui mais um fato que o diferencia do Sign Writing, que é escrito verticalmente. Este sistema, a ELiS, usa os parâmetros das LS como base para o agrupamento dos visogramas.

Um sinal pode ser formado por até 5 parâmetros, a ELiS usa os 3 parâmetros de base propostos por Stokoe para se constituir em escrita, acrescentando o parâmetro Orientação e inclui as Expressões Não-Manuais no Movimento.

²⁰ Temos várias propostas de escrita de LS pelo mundo, como por exemplo, a Notação de François Neve na Bélgica e o Hamnosys na Alemanha. Há muitos trabalhos espalhados de escritas de LS, porém não temos conhecimento de nenhum que tenha sido considerado como escrita oficial da LS de algum país.

²¹ A autora propõe uma nomenclatura específica para as línguas de sinais dentro da fonética e fonologia. Em que fonética passaria a ser chamada de visética, fonologia seria visologia, as letras seriam chamados visogramas, fonema se tornaria visema e assim por diante.

Como a quantidade de Configurações de Mão existentes na LS é muito grande, isso fez com que Barros (2008) representasse a mão de forma desmembrada, dedo a dedo, gerando assim uma grande economia de símbolos. Desta forma a autora criou as Configurações de Dedos, em que a combinação de seu conjunto cria as CM descritas como parâmetros das LS.

Esclarecemos que as regras da ELiS que aqui colocaremos, são uma visão geral da estrutura da escrita em questão. Para maior compreensão, deve-se procurar literatura apropriada para melhor entendimento ou ainda o site da escrita (<http://www.wix.com/elislibras/home>).

As regras da escrita são: (a) ela é escrita da esquerda para a direita; (b) os parâmetros usados são: Configuração de Dedos, Orientação de Palma, Ponto de Articulação e Movimento. Eles devem ser escritos sempre nesta ordem em todos os sinais, quando o sinal não tem algum deles, este deve ser omitido; (c) no sinal monomanual (feito apenas com uma mão), sempre a mão direita deve ser representada; (d) no sinal bimanual (feito com ambas as mãos), sempre teremos a representação dos 4 parâmetros, porém em cada um deles serão representadas a mão esquerda e a direita, obrigatoriamente nesta ordem; (e) em sinais bimanuais simétricos, haverá um símbolo (//) no início da palavra indicando isto e apenas um visema será escrito para cada parâmetro; (f) em sinais bimanuais quase simétricos também haverá o símbolo de simetria, porém o parâmetro que não for simétrico deverá ter um visografema representando cada mão em seu interior; (g) em sinais bimanuais de apoio, deverá se escrever os visografemas da mão dominante, sendo que apenas o ponto de articulação deve ser o da mão de apoio; (h) a mudança de um visema dentro de um sinal deve ser expressa como movimento ou como um diacrítico; (i) palavras digitadas terão o parâmetro configuração de dedo repetido quantas vezes for necessário; (j) sinais de pontuação usados nas línguas orais, também são usados na ELiS.

Vejamos agora os visografemas existentes. Primeiramente mostraremos as configurações de dedo.

- polegar:
- . fechado
 - < curvo
 - \ estendido perpendicularmente à frente da palma
 - / estendido paralelamente à frente da palma
 - ! estendido paralelamente ao lado da palma
 - estendido perpendicularmente ao lado da palma

demais dedos: . fechado

∩ muito curvo

∩ curvo

\ estendido inclinado à frente da palma

| estendido contínuo à palma

Agora os que representam a orientação de palma:

☒ palma para frente

▣ palma para a distal

☐ palma para trás

▢ palma para cima

▣ palma para a medial

▤ palma para baixo

Seguem os visografemas que representam o ponto de articulação: eles são divididos em cabeça, tronco, membros e mão:

cabeça

▢ espaço à frente do rosto

∩ maçã do rosto

▣ alto da cabeça

⊥ nariz

≡ buço

∩ lateral da cabeça

≡ boca

∩ orelha

∩ dentes

≡ testa

∩ bochecha

≡ sobancelha

≡ queixo

∩ olho

≡ abaixo do queixo

tronco

∩ pescoço

∩ espaço ao lado do tronco

▢ espaço neutro

▣ abdômen

≡ tórax

membros

∩ braço inteiro

∩ cotovelo

∩ ombro

∩ antebraço

∩ axila

∩ pulso

∩ braço

∩ perna

mão

▢ palma da mão

☒ intervalo entre dedos

| | |
|-------------------|-----------------------|
| ☒ dorso da mão | ☒ articulação de dedo |
| ☒ dedos | ☒ ponta de dedo |
| ☒ lateral de dedo | |

E finalmente os representantes do movimento, que se dividem em externos à mão, internos à mão e sem as mãos:

movimentos externos à mão

| | |
|---------------------------|----------------------------|
| ⊥ para frente | ↖ para cima e esq. |
| ⊥ para trás | ↗ para cima e dir. |
| ⊕ para frente e para trás | ↙ para baixo e esq. |
| ↑ para cima | ↘ para baixo e dir. |
| ↓ para baixo | ↳ extensão/flexão do braço |
| ↕ para cima e para baixo | ∩ arco |
| → para a direita | ⊙ circular vertical |
| ← para a esquerda | ⊙ circular horizontal |
| ↔ para a dir. e esq. | ⊙ circular frontal |
| ↔ para fora | + para o meio |

movimentos internos da mão

| | |
|----------------------------------|---------------------------------|
| ≡ abrir a mão | ↪ tamborilar de dedos |
| ≡ fechar a mão | ↪ friccionar de dedos |
| ≡ abrir e fechar a mão | ↳ dobrar o pulso |
| ∩ flexão dedos na 1ª articulação | ↳ movimentar pulso lateralmente |
| ∩ flexão dedos na 2ª articulação | ↳ girar o pulso |
| ∩ unir e separar os dedos | ↳ girar o antebraço |

movimentos sem as mãos

| | |
|--------------------------|-------------------------------|
| ⊙ negação com a cabeça | ↔ movimento lateral do queixo |
| ⊙ afirmação com a cabeça | ↪ murchar bochechas |
| ↪ língua na bochecha | ⊙ inflar bochechas |
| ↪ língua para fora | ⊙ boca aberta |
| ↙ corrente de ar | + piscar os olhos |
| ≡ vibração dos lábios | Û girar o tronco |

Temos ainda os diacríticos usados na escrita:

- Diacríticos de lateralidade: > (lado direito) < (lado esquerdo)
- Diacríticos de contato: ____ _ _ _ _
- Diacrítico de repetição: ˙
- Diacrítico de alternância: ˝
- Diacrítico de dedos: ^{1 2 3 4 5}
- Indicação de sinais compostos (que não é um diacrítico): ∴

Expostos todos os visografemas, ilustramos exemplos de sinais escritos em ELiS. As fotos e descrições dos sinais também já foram apresentadas no corpo do nosso trabalho e são retiradas da apostila do Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de atendimento às Pessoas com Surdez – CAS Goiás, do ano de 2009. Esta é a instituição estadual que dá capacitação aos profissionais que trabalham com educandos surdos neste estado. Ressaltamos que o CAS não usa ELiS em sua apostilas, retiramos apenas as figuras e descrições dos sinais e acrescentamos a elas a Escrita das línguas de Sinais.

PRAZER



Mão direita aberta, palma para dentro, tocando o peito. Movê-la descrevendo círculos











Figura 3.1: PRAZER

DESCULPE



Mão direita em Y, palma para dentro, tocando o queixo.

Figura 3.2: DESCULPE

Em ELiS:      e      respectivamente (colocamos cada visografema de uma cor, para facilitar o entendimento, notem que o segundo sinal não tem movimento, por isso apenas três parâmetros são representados – CD, Or e PA).

Em nosso trabalho usamos a nomenclatura específica para LS proposta por Barros (2008). Visema no lugar de fonema, viso ao invés de fone, Visologia para fonologia e assim por diante.